

O NOVO GRANDE JOGO DA ENERGIA NA ÁSIA

Manuel Martins Lopes

Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Lusíada de Lisboa
13000267@lis.ulusiada.pt



US vs China¹

Resumo: O Novo Grande Jogo da Energia na Ásia é uma competição nas rotas das condutas de energia de acesso ao petróleo e gás natural) do Mar Cáspio e Ásia Central. É um jogo geopolítico e geoeconómico que começou com a dissolução da União Soviética e a independência dos países do Cáucaso (Geórgia, Azerbaijão e Arménia) e das cinco ex- repúblicas soviéticas da Ásia Central.

Palavras-Chave: Novo Grande Jogo / Energia / Petróleo / Gás / Oleodutos

Abstract: New Great Game of Energy in Asia (NGGE) is a competition for pipeline routes to access energy resources (oil and gas) in Caspian Sea region and Central Asia.

It is a geopolitical and geoeconomic game that has begun after the Soviet Union broke up and the Transcaucasian countries (Georgia, Armenia and Azerbaijan) and the five Stans of Central Asia became independent.

Key-Words: New Great Game / Energy / Oil / Gas / Pipeline

¹ Imagem em: <http://fightthelaw.org/worldatwar/u-s-vs-china-the-great-game/>

US vs China: Rivals or Partners by Miss Zahra Zafar Chohan

O presente trabalho desenvolve-se, tendo em consideração, as principais sub-regiões asiáticas produtoras de Energia (Petróleo e gás) e as restantes sub-regiões, mais consumidoras que produtoras.

No primeiro grupo de sub-regiões encontram-se, por ordem de análise:

- Próximo e Médio Oriente;
- Transcaucásia;
- Ásia Central;
- Ásia Setentrional.

No segundo grupo de sub-regiões encontram-se, por ordem de análise:

- Espaço Chinês;
- Nordeste asiático;
- Sudeste asiático;
- Ásia meridional.

O trabalho é antecedido na sua parte introdutória com uma análise sobre o Estatuto jurídico do Mar/lago Cáspio. concluindo-se com uma análise da conjuntura internacional na qual se inserem os principais actores e as suas manifestações potenciais de conflito e de cooperação.

Introdução

A actual designação Novo Grande Jogo da Energia (NGJE) está intimamente ligada à do escritor britânico Rudyard Kipling, que no século XIX designou de Great Game toda a teia de relações e conflitos que opunham britânicos a russos, centrado na Ásia Central, na tentativa destes últimos chegarem ao Índico rompendo o bloqueio britânico.

O actual Novo Grande Jogo da Energia, está centrado no Mar Cáspio, tem por objectivo a produção, acesso, controle e escoamento da Energia (Gás e petróleo) e envolve uma teia de interesses extraordinariamente vasta e complexa, da área governamental à não-governamental (multinacionais da energia, ...), do espaço regional ao internacional. É a luta pelos recursos energéticos, controle da produção e o seu escoamento em segurança, intrinsecamente ligada ao grau de dependência que as actuais formas de crescimento e desenvolvimento económicas têm em relação à energia.



Elipse estratégica²

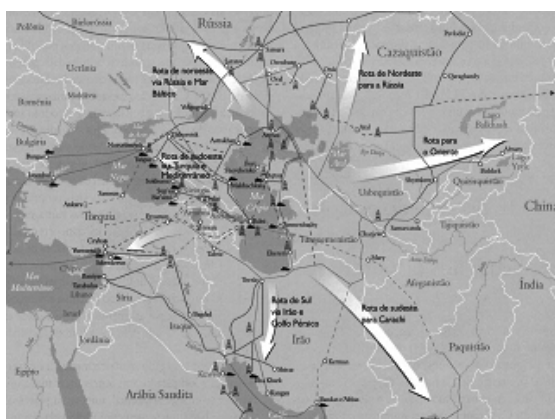
2 http://www.exploringgeopolitics.org/Publication_Boon_von_Ochssee_Timothy_Mackinder_and_Spykman_and_the_new_world_energy_order.html
<http://www.consumerenergyreport.com/2010/09/02/leaked-study-peak-oil-warns-severe-global-energy-crisis/>

Se até ao final dos anos 80 e durante todo o período da guerra fria a OPEP enquanto entidade inter-governamental, qual cartel petrolífero, controlou directa ou indirectamente a produção da energia, o fim do conflito ideológico Leste-Oeste e o desmembramento da URSS alteraram drasticamente esta situação. Surgiram novos actores libertos da influência soviética com capacidade de produção de energia, três deles ribeirinhos do Mar Cáspio. A própria Federação russa, herdeira da ex-URSS adquiriu uma nova capacidade de manobra e influência que extravasa para além das anteriores fronteiras da Comunidade socialista.

Por isso o Cáspio é o centro do Novo Grande Jogo, não só pelas suas enormes jazidas energéticas, mas pelo facto dos novos actores produtores que aqui se concentram, se encontrarem no todo ou em parte libertos de compromissos inter-governamentais e por isso predispostos a potenciar as regras de mercado da oferta e da procura e bem assim das suas poderosas influências económicas, políticas e culturais.

O NGJE tem a sua génese numa conjuntura de marcantes ambiguidades marcadas pelo fim da guerra fria e pelo 11 de Setembro; pela emergência de novos poderes (Azerbaijão, Turquemenistão, Cazaquistão, Uzbequistão, ...) e pela reemergência de outros (Rússia, China, Índia, ...).

O NGJE na Ásia faz ressaltar a existência de duas Ásias, uma como fonte de irradiação de energia resumida a quatro eixos de escoamento (centrada no Cáspio e englobando: Próximo e Médio Oriente; Transcaucásia; Ásia central e Ásia setentrional) e outra carente de energia (Espaço chinês, Nordeste asiático, Sudeste asiático e Ásia meridional).



Eixos de escoamento de energia (Oeste, Este, Norte e Sul)

O NGJE passa pela análise obrigatória da reavaliação e consideração de diferentes interesses geopolíticos, presentes em todas as situações resultantes de vazios significativos de poder nomeadamente na Transcaucásia, Cáspio e Ásia central.

1. Estatuto jurídico do Cáspio

O primeiro desafio que se colocou aos actores que iriam partilhar os recursos do Cáspio estava relacionado com o seu próprio estatuto, gerido no passado por dois países (União Soviética e Irão) e alterado para cinco com a presença soberana nas suas margens, do Azerbaijão (na Transcaucásia), do Cazaquistão e Turquemenistão (na Ásia central).

Este desafio extravasou para além do âmbito dos cinco actores, numa demonstração de que, no quadro da nova conjuntura internacional, outros interesses se poderiam vir a manifestar.



Cáspio³

a. Características do Cáspio

Com os seus 1.200km de comprimento e 450km de largura, o Cáspio é o mais importante lago do mundo. A profundidade média é de 180m, com a cota máxima de 1025m e a extensão costeira atinge quase 7000km.

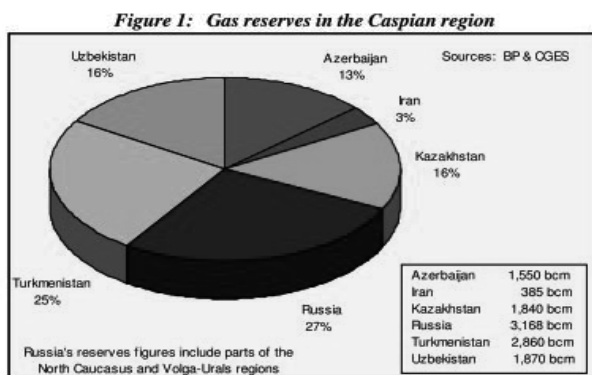
O Cáspio possui grandes reservas de petróleo e gás natural. A região do Cáspio ainda apenas representa 2% da produção mundial desses combustíveis, devido à falta de acordo para a sua exploração.

³ http://en.wikipedia.org/wiki/Caspian_Sea



Reservas petrolíferas do Cáspio⁴

O Instituto de Pesquisas Estratégicas do Cazaquistão calculou as reservas do Cáspio em cerca de 30 bilhões de barris de petróleo, além de cinco trilhões de metros cúbicos de gás.



Reservas de gás⁵

Estes números transformariam o Cáspio na alternativa ideal para o Médio Oriente, em especial para países completamente dependentes do escoamento energético pelo Estreito de Ormuz, situados na Ásia meridional (Índia), Nordeste asiático (Japão e Coreia do Sul) e Espaço chinês (RPC e RC).

⁴ http://www.thedossier.info/maps_charts.htm

⁵ <http://www.cges.co.uk/resources/articles/2001/10/01/prospects-for-caspian-gas>

b. O Cáspio no período soviético

O Cáspio no período soviético era um condomínio de dois actores, a URSS e o Irão, dividido entre eles nos termos do Acordo Soviético-iraniano de 1940, o qual substituiu o Tratado de Amizade de 1921.

c. O Cáspio em tempo de mudança

Com o desmembramento da URSS e independência dos países da Transcaucásia e da Ásia central, ao ser equacionado o futuro do Cáspio, fundamentalmente emergiram duas posições: o Cáspio como lago; o Cáspio como mar.

(1). O Cáspio como lago

A tese do lago internacional, sujeito portanto a um regime de condomínio com a exploração comum dos bens e dos recursos energéticos (petróleo e gás natural) ou a divisão em sectores nacionais iguais entre os cinco estados ribeirinhos.

(2). O Cáspio como mar

A tese do mar interno, adentro da Convenção da ONU sobre o Direito do Mar e a sua divisão conforme esta legislação internacional.

d. Evolução da discussão sobre o Cáspio

(1). Países ribeirinhos

Os países ribeirinhos não conseguiram entrar em acordo sobre o estatuto jurídico do Mar Cáspio.

Num extenso memorandum, a Federação russa solicitou à Assembleia Geral da ONU em 1994 para se ocupar do assunto, lembrando a sua posição de que o Cáspio, sendo um espaço líquido fechado, não se lhe podia aplicar o Direito do Mar, de 1982.

Num estudo apresentado em 1999 na 7ª Conferência Internacional sobre a Ásia central e o Cáucaso, revelando a prática dos Estados através de documentos publicados pela Nações Unidas, se revela que o Cáspio é, no plano jurídico um lago e não um mar, apesar de ao longo do tempo se terem revelado posições ambíguas pelos Estados ribeirinhos, de acordo com diversos interesses.⁶

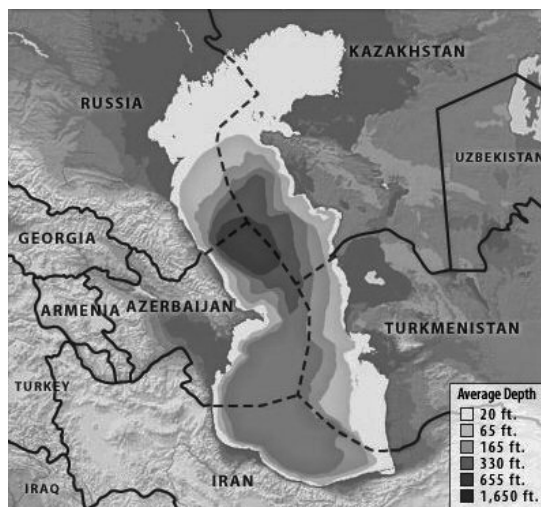
O estudo deixava no entanto em aberto a questão da partilha dos recursos do Cáspio ou a sua gestão comum, chamando a atenção para os riscos da incerteza do regime jurídico sobre operadores económicos e em particular sobre sociedades petrolíferas, e bem assim da progressiva degradação ambiental.

6 LE STATUT JURIDIQUE DE LA MER CASPIENNE: MER OU LAC ?

La pratique des États vue à travers les documents publiés par les Nations Unies, par Paul TAVERNIER, Professeur à l'Université de Paris XI (Paris-Sud), Faculté Jean Monnet à Sceaux, Directeur du CREDHO - Paris Sud (<http://www.ridi.org/adi/199910a1.htm>)

O Cáspio foi colocado nas mãos dos dirigentes dos cinco países costeiros, que regularmente se reúnem para concertar posições sobre o futuro do Lago e dos seus recursos.

Na última reunião em Moscovo (Julho de 2011) do Grupo de Trabalho Ad Hoc sobre a Convenção do estatuto jurídico do Mar Cáspio, os cinco países litorais do Mar Cáspio acentuaram que eram capazes de decidir eles próprios o destino do Cáspio, sem interferência de países terceiros, continuando o processo de negociação entre todas as partes prontas para chegar a acordos práticos.



Divisão de acordo a extensão da costa⁷

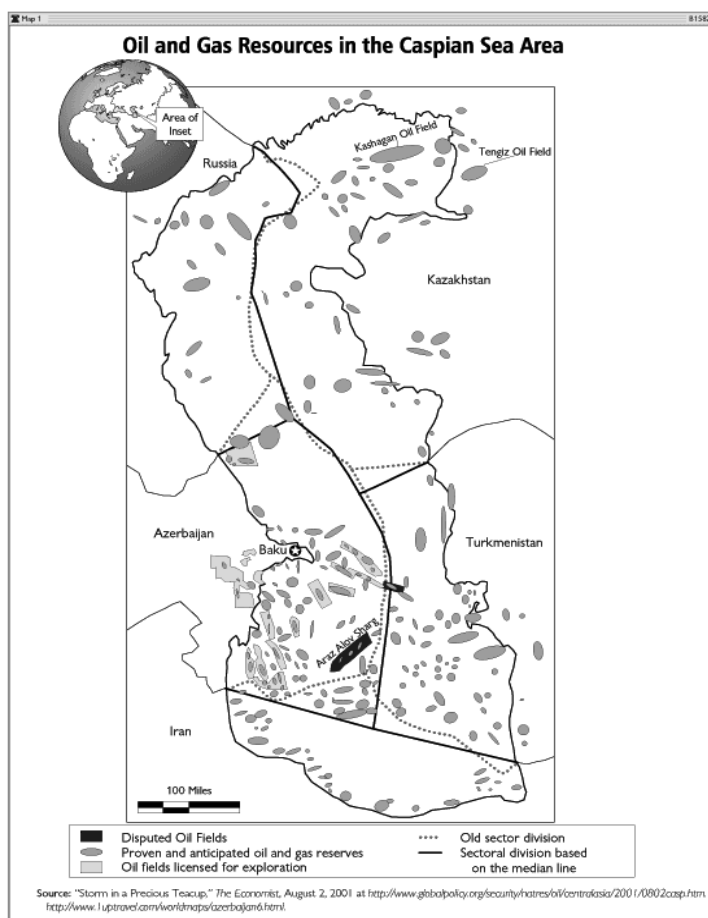
O Irão chegou a propor a divisão do Cáspio em partes iguais, 20% para cada Estado sem levar em conta a tradição.

Baku e Astana discordaram.

Por sua vez a Federação russa defendeu que cada Estado deveria receber uma porção do Cáspio de acordo com a extensão da sua costa (neste caso o Irão receberia de 12 a 14% das águas e do leito do Cáspio).

Mas a inter-acção está em desenvolvimento. As partes conseguiram chegar a acordo sobre a maioria das questões relacionadas com a pesca, com o movimento de navios mercantes, com aviação civil e meio ambiente no Mar Cáspio. Em Novembro de 2010, numa cimeira em Baku, os chefes dos cinco países assinaram um acordo de cooperação e segurança do Mar Cáspio, relembrando o representante especial do presidente da Rússia para o Mar Cáspio, Alexander Golovín:

⁷ <http://www.offshoren.net/>



A importância da linha mediana no estudo da repartição dos recursos do Cáspio⁸

Todos os cinco estados concordaram e decidiram que somente os estados costeiros têm direitos soberanos no Mar Cáspio, e que só eles resolvem questões relacionadas com este mar. Não podemos proibir a outros países de mostrarem interesse à região, de procurarem influenciar qualquer país da região. Mas concordámos que as decisões sobre questões fundamentais – sobre o estatuto jurídico, sobre as reservas, sobre a pesca e transporte – são tomadas apenas pelos estados costeiros.

O acordo assinado em Moscovo é um documento-quadro que demonstra

⁸ <http://www.heritage.org/research/reports/2002/09/irans-claim-over-caspian-sea-resources-threaten-energy-security>
<http://www.payvand.com/news/01/mar/1112.html>
http://azer.com/aiweb/categories/magazine/83_folder/83_articles/83_yusifzade.html

a responsabilidade colectiva dos estados costeiros na tarefa de combater o terrorismo, o tráfico de drogas e outros problemas no Mar Cáspio. Especialistas notam que, se os cinco países foram capazes de chegar a acordo sobre uma questão tão complexa, é possível que em breve também serão capazes de assinar um acordo geral sobre o Mar Cáspio. As conversações vão continuar. O texto da Convenção ficou previsto ser assinado no Irão, no decorrer de 2012. Sem ele é impossível iniciar a implementação de projectos de energia, o único problema grave que impede o pleno desenvolvimento da exploração dos recursos energéticos.

(2). Outros Países

A tese do mar interno, para o Cáspio, adentro da Convenção da ONU sobre o Direito do Mar e a sua divisão conforme esta legislação internacional foi desde muito cedo abertamente defendida pelos EUA⁹ que sentiram ter chegado a oportunidade de disputar as reservas energéticas anteriormente sob a soberania soviético-iraniana.¹⁰



O Cáspio, centro de projecções geopolíticas

⁹ Os EUA com 5% da população mundial são responsáveis pelo consumo de 25% da produção mundial de petróleo.

¹⁰ This is about America's energy security. It's also about preventing strategic inroads by those who don't share our values. We're trying to move these newly independent countries toward the west. We would like to see them reliant on western commercial and political interests rather than going another way. We've made a substantial political investment in the Caspian, and it's very important to us that both the pipeline map and the politics come out right. Bill Richardson 1998, US energy secretary, on US policy on the extraction and transport of Caspian oil 'A discreet deal in the pipeline - Nato mocked those who claimed there was a plan for Caspian oil' Guardian, 15 February 2001

(<http://forums.bharat-rakshak.com/viewtopic.php?f=2&t=3577&start=40>)

EUA na região do Mar Cáspio e a posição da Rússia

03.05.2005 | Fonte de informações: Pravda.ru

(<http://port.pravda.ru/news/unknown/03-05-2005/7790-0/>)

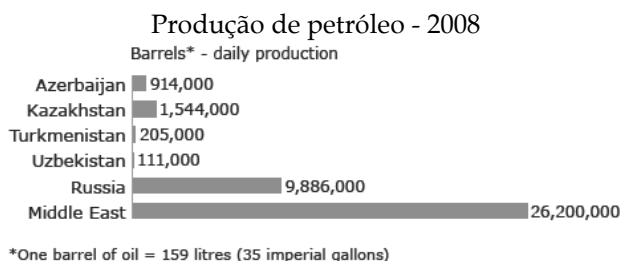
Em 1999, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Silk Road Strategy (SRS), renovando o Foreign Assistance Act of 1961, com o objectivo de dar maior assistência e apoio económico e independência política aos países do sul do Cáucaso e da Ásia Central, avançar seus interesses geoestratégicos na região e opor-se à crescente influência política de potências regionais como a China, Rússia e Irã. Conforme explicitado na Silk Road Strategy, esta região sul do Cáucaso e Ásia Central podia produzir petróleo e gás em suficientes quantidades para reduzir a dependência dos Estados Unidos em relação às voláteis fontes de energia do Golfo Pérsico. Alguns cálculos indicavam que, por volta de 2050, a landlocked Ásia Central proveria mais do que 80% do petróleo importado pelos Estados Unidos e daí a premente necessidade de controlar as reservas de petróleo da região e os oleodutos através do Afeganistão e da Turquia, principal objectivo da invasão do Afeganistão em 2001.¹¹

Alguns países passaram então a ser sensíveis à posição e aos compromissos assumidos pelos EUA como Guardião do Cáspio, com o objectivo de colocar em causa a influência russa e iraniana, apoiando a sua estratégia adentro do NGJE.

2. O Próximo e Médio Oriente no NGJE

O Próximo e Médio Oriente desempenham uma posição sui generis no NGJE. Atente-se numa análise comparativa a nível de produção e reservas energéticas com os restantes actores situados:

- na Transcaucásia (Azerbaijão);
- na Ásia central (Cazaquistão, Turquemenistão e Uzbequistão);
- na Ásia setentrional (Federação russa).¹²



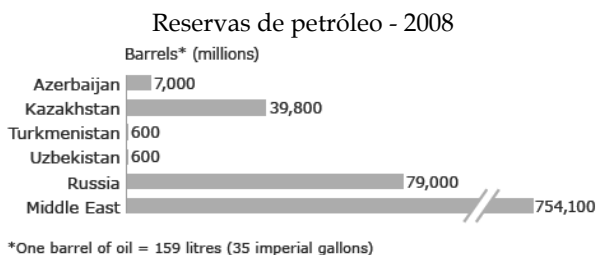
¹¹ Luiz Alberto Moniz Bandeira, Dimensão estratégica e política externa dos Estados Unidos. (<http://www.espacoacademico.com.br/090/90bandeira.htm>)

Azerbaijão: acordo petrolífero com a BP favorece a expansão dos Estados Unidos e OTAN no Mar Cáspio

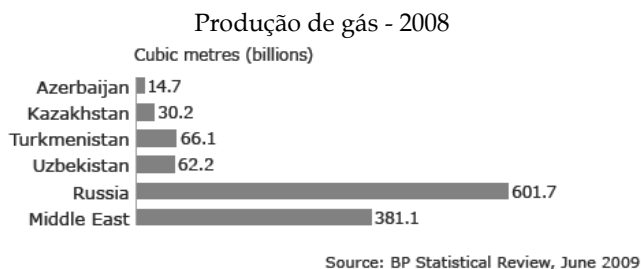
<http://www.diogenes.jex.com.br/toques/azerbaijao+acordo+petroleiro+com+a+bp+favorece+a+expansao+dos+estados+unidos+e+otan+no+mar+caspio>

¹² John Roberts, Struggle for Central Asian energy riches, 1 Junho 2010

<http://www.digitalhen.co.uk/news/10185429>

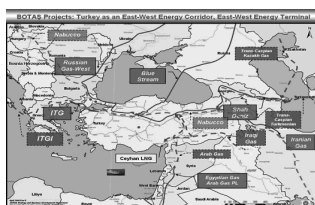


Se no que diz respeito à produção de petróleo a concepção do NGJE não se aplica aos seus principais actores, englobados na OPEP e como tal sujeitos às suas próprias regras de cartel energético, o mesmo não acontece a nível de produção de gás, em que os actores podem entrar livremente no NGJE.



Reservas de gás - 2008

Acresce ainda o facto de o seu espaço ter visto valorizada a sua posição estratégica com o fim da guerra fria, face aos principais poderes mundiais consumidores de energia, passando a desempenhar um importante papel a nível da diversificação dos escoamentos energéticos provenientes do Cáucaso, do Cáspio ou da Ásia Central. Aqui cabe destacar o factor multiplicador constituído pela Turquia, qual ponte entre o Mediterrâneo e a Transcaucásia e Ásia Central, favorecendo iniciativas que libertam a Europa e o Ocidente em geral da hegemonia russa a nível dos fluxos de escoamento de gás.



Turquia, corredor e terminal energético Este-Oeste¹³

¹³ <http://www.eia.gov/cabs/Turkey/Full.html>

No entanto, a chegada do NGJE ao Próximo e Médio Oriente tem lugar num tempo mais propício ao conflito que à cooperação e por isso, o NGJE ficou desde muito cedo enredado no próprio conflito regional israelo-palestiniano e nos conflitos que se seguiram: guerra Irão-Iraque (1ª guerra do Golfo), invasão do Koweit pelo Iraque (2ª guerra do Golfo), derrube do regime de Saddam Hussein no Iraque (3ª guerra do Golfo) e a ameaça da opção nuclear iraniana.

O agudizar de posições entre russos e europeus (mais EUA) levantou de novo o conceito de guerra fria, agora já não por motivos ideológicos, mas pelo controle dos recursos energéticos.

a. Produção

O Próximo e Médio Oriente participa com as seguintes formas de energia no NGJE:

(1)- Gás

| Country | Gás Production* | Gás Reserves** |
|--------------------------------|-----------------|----------------|
| Bahrain | 8.9 | 3.2 |
| Iran | 60.6 | 812.3 |
| Iraq | - | 109.8 |
| Kuwait | 9.5 | 52.7 |
| Oman | 13.4 | 29.3 |
| Qatar | 32.5 | 393.8 |
| Saudia Arabia | 53.7 | 213.8 |
| United Arab Emirates | 41.3 | 212.1 |
| Yemen | - | 16.9 |
| Other Middle East ¹ | 8.1 | 10.2 |
| Total Middle East | 228 | 1,974.6 |
| % of World Total | 9.3 | 36.1 |

*In billion cubic meters

**In trillion cubic feet

SOURCE: British Petroleum Review of World Gas; United States Energy Information Administration.

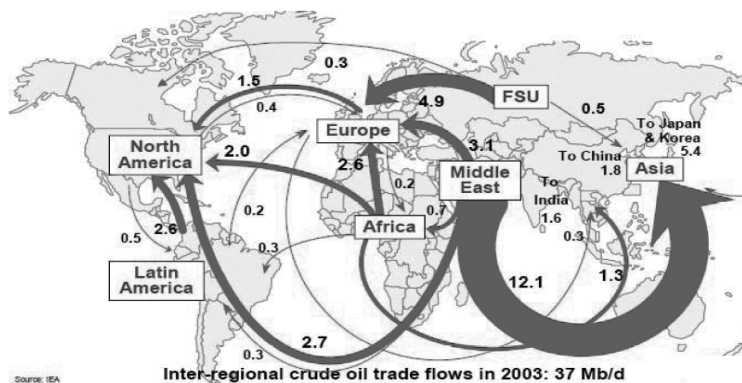
Reservas de gás no Médio Oriente¹⁴

(2)- Petróleo: actualmente não há países a participar com esta forma de energia, uma vez que todos os produtores de petróleo do Médio Oriente estão integrados na estrutura da OPEP, como cartel petrolífero e como tal arredados do NGJE.

¹⁴ <http://www.answers.com/topic/middle-east-reserves-of-natural-gas>



World Crude Oil Trade Patterns



Médio Oriente a maior fonte energética mundial¹⁵

b. Escoamento

Todos os países do Pr/Médio Oriente são potenciais candidatos ao escoamento da energia (petróleo ou gás) vinda da Transcaucásia, do Cáspio e da Ásia Central, adentro dos seguintes eixos:

(1) - Eixo Oeste

Via Turquia, garantindo a ligação ao Mediterrâneo e a chegada da energia da Transcaucásia (Azerbaijão e Cáspio) ao Ocidente com boas garantias de segurança.

Referências mais importantes:

- Baku–Tbilisi–Ceyhan (BTC) pipeline (oleoduto)

É o mais recente oleoduto, construído em 2005 com tecnologia e engenharia europeia e norte-americana. Atravessa a Geórgia e termina no porto turco de Ceyhan, no Mediterrâneo.

Constitui uma boa alternativa às passagens pelo Mar Negro e é a melhor forma de fugir simultaneamente à dependência do petróleo do Golfo Pérsico e à dependência do escoamento russo.

15 http://s3.amazonaws.com/zanran_storage/www1.eere.energy.gov/ContentPages/4259631.pdf#page=5



BTC¹⁶

É propriedade de empresas ocidentais mas também da empresa nacional turca e azeri. Alguns dos accionistas são: ENI (Itália), UNICAL (EUA), STABIL, ITUSHU (Japão).

Para o construir, a Turquia, a Geórgia e o Azerbaijão tiveram que hipotecar elevados investimentos. Os recursos usados são nomeadamente a receita da venda de petróleo, os fundos do FMI e empréstimos dos EUA.

Este oleoduto está operacional desde 28 de Maio de 2006.

- Nabucco pipeline (Turkey–Austria gás pipeline (projecto))

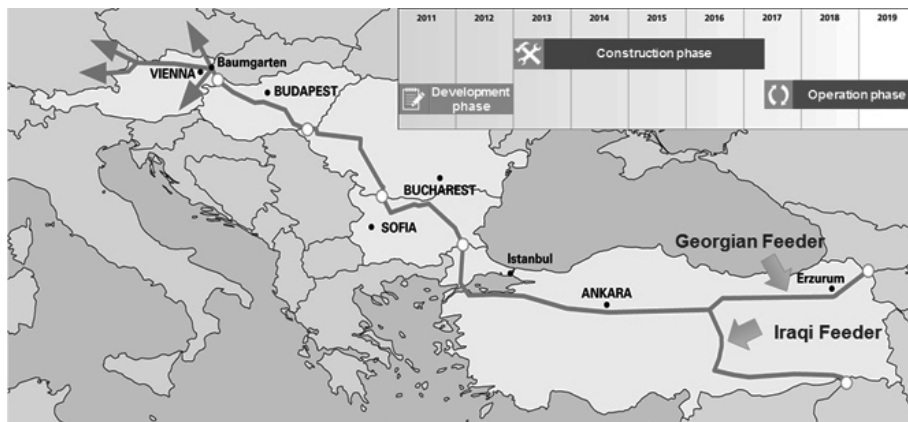
O Gasoduto Nabucco é um projecto da União Europeia (com o apoio dos EUA) para transporte de gás natural entre a Turquia e a Áustria, passando pela Bulgária, Roménia e Hungria. Um dos seus objectivos é diversificar as fontes de fornecimentos energéticos que abastecem a Europa, diminuindo a sua dependência da Rússia.

Nabucco começou a ser preparado em 2002 mas só foi assinado pelos cinco países de escoamento da energia, em 2005, com a designação, Corredor Sul, a nova Rota da Seda.¹⁷

O projecto Nabucco faz parte do Southern Gás Corridor a que estão também ligados o Interconnector Turkey-Greece-Italy (ITGI) e o Trans-Adriatic Pipeline (TAP).

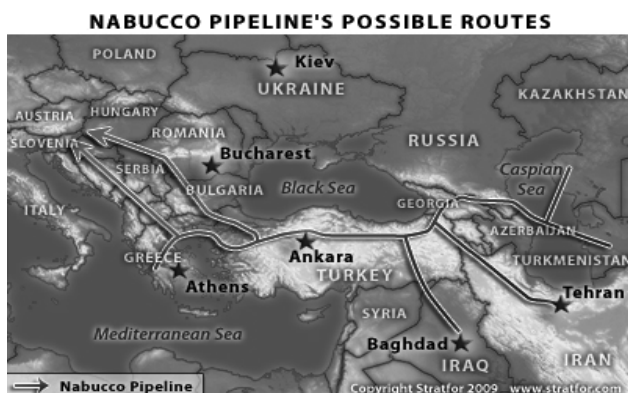
¹⁶ <http://when-did-reason-die.blogspot.com/2011/06/imagine-gods-one-eyed-squint-with-tip.html>
http://en.wikipedia.org/wiki/Baku%E2%80%93Tbilisi%E2%80%93Ceyhan_pipeline

¹⁷ O projecto é desenvolvido pela joint venture Nabucco Gás Pipeline International GmbH. Tem como sócios as seguintes empresas: OMV (Áustria), MOL (Hungria), Transgaz (Roménia), Bulgargaz (Bulgária), BOTAS (Turquia) e RWE (Alemanha).



Nabucco: fita do tempo¹⁸

Estavam previstas inicialmente três fontes de abastecimento de gás para o Nabucco: o Azerbaijão, o Iraque e o Irão. Apesar deste último chegar a manifestar disponibilidade para negociar o fornecimento de gás (2º produtor mundial), razões políticas que se relacionam com as dificuldades de relacionamento com a UE e os EUA por causa da sua opção nuclear, adiaram sine die a sua ligação ao projecto.



As três previstas fontes de abastecimento reunidas na Turquia¹⁹

O projecto tem enfrentado desde início a competição directa do South Stream (uma iniciativa da Gazprom para levar o gás russo através do mar Negro).²⁰

¹⁸ <http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en>

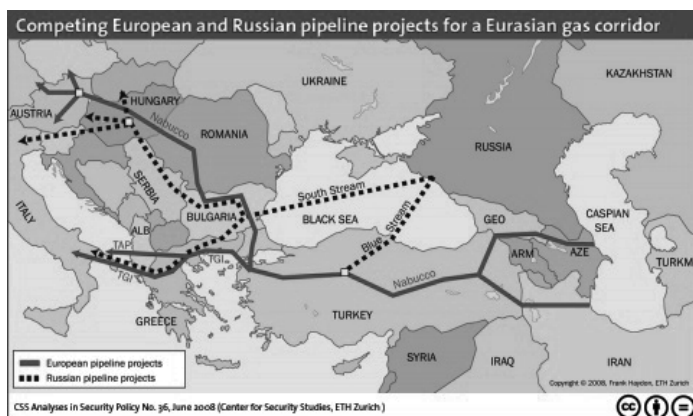
http://en.wikipedia.org/wiki/Nabucco_pipeline

¹⁹ <http://www.anthropower.com/eu-seeks-powers-to-speed-up-pipelines-and-power-grids>

²⁰ <http://www.europeanenergyreview.eu/site/pagina.php?id=510>

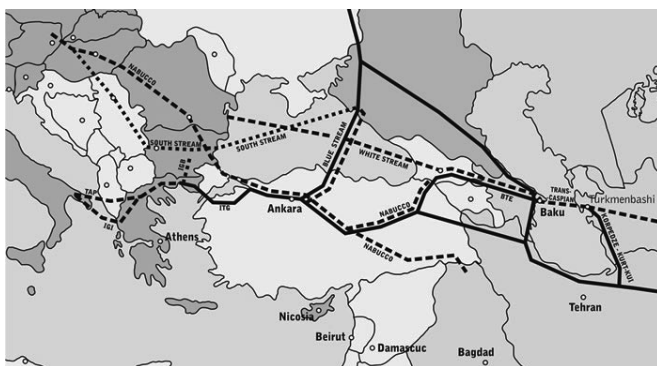
The Great Game Enters the Mediterranean: Gas, Oil, War, and Geo-Politics

Outra dificuldade residiu nas condições que a Turquia quis impor. Dos 3.300 quilómetros do gasoduto, aproximadamente 2.000 passam pelo território turco, e Ankara exigiu vir a receber 60 por cento dos impostos de trânsito, ou seja o valor de 450 milhões de euros por ano.



Nabucco: competição do South Stream²¹

Além disso, a Turquia exigia para si 15 por cento do gás em trânsito para uso próprio ou exportação, o que foi considerado inaceitável pela UE.²²



O Nabucco e os Streams em presença²³

by Mahdi Darius Nazemroaya (<http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=6862>). Nabucco pipeline conference ends with EU support, but no cash by Bruce Pannier (<http://www.europeanenergyreview.eu/site/pagina.php?id=510>). <http://www.businessinsider.com/the-15-oil-and-gas-pipelines-changing-the-worlds-strategic-map-2010-3?op=1>

²¹ http://www.novinite.com/view_news.php?id=125422

<http://www.cisoilgas.com/article/europes-natural-gas-futures/>

²² <http://www.naturalgaseurope.com/south-stream-consent-provides-turkey-with-gas-discount-4248>

²³ <http://www.sigurantaenergetica.ro/azerbaijan-will-decide-the-shape-of-the-southern-gas-corridor.html>

O ano de 2012 é também crucial para o Nabucco. Apesar de algumas análises pessimistas quanto ao seu futuro²⁴, no final de 2011 (28 de Dezembro) foi anunciado que a *Nabucco Gás Pipeline International GmbH will start the pre-qualification of potential EPC contractors in the first quarter of 2012*.²⁵

- South East Europe Pipeline (SEEP)

É uma proposta da BP, apresentada em 24 de Setembro de 2011, para a construção de uma alternativa aos projectos do Corredor de Gás do Sul (no qual estão o Nabucco, o TAP e o ITGI), tendo em vista libertar a Europa da dependência energética russa.

O comprimento do gasoduto ronda os 3.800 quilómetros, apoiando-se em 2/3 da sua extensão nos pipelines já existentes.

A principal fonte de fornecimento de gás estaria localizada no Azerbaijão, no Shah Deniz gás field.

A proposta da BP resultante do entendimento azeri-turco relançaria o Trans-Anatolian gás pipeline.

- Trans-Anatolian gás pipeline, TAGP (projecto)

Visa a chegada de gás do Azerbaijão à Turquia e desta para a Europa.²⁶

- Trans-Caspian Gás (projecto)

Visa fazer chegar o gás da Ásia central ao Mediterrâneo, atravessando inicialmente o Cáspio, seguindo depois o trajecto do BTC. Tem tido a oposição da Federação russa que dissuadiu já o Turquemenistão e o Cazaquistão de se associarem ao projecto.²⁷

- Persian Pipeline (também conhecido por Pars Pipeline e Irão-Europa pipeline)

Projecto de gasoduto com conclusão prevista para 2014, partindo de South Pars, no Irão, passando pelo Iraque e Síria com possibilidade de ligação ao gasoduto árabe.²⁸

A opção nuclear iraniana não ajuda na concretização deste projecto, que poderia ficar associado ao Nabucco.

24 Nabucco is Dead

<http://blogs.euobserver.com/petersen/2011/11/17/nabucco-is-dead/>

25 http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/press/NewsText?p_item_id=B525568A5C5E0136E040A8C001011BD0

26 Assinatura de acordo em Ancara em 26 de Dezembro de 2011, entre representantes do governo turco e azeri. Previsto vir a associar-se ao Nabucco.

27 Previsto vir a associar-se ao Nabucco.

28 O Irão assinou no final de Julho de 2011 um acordo com a Síria e o Iraque para a concretização do projecto.



Pars pipeline²⁹

- Arab gás pipeline

Encontra-se em actividade a ligação do Egipto à Jordânia e Síria.

A expansão do gasoduto árabe na direcção da Turquia, permitiria a ligação ao Nabucco e ao gasoduto iraniano.



Gasoduto árabe³⁰

29 <http://www.graphicnews.com/search/search.php?alertno=8700>

<http://www.businessinsider.com/the-15-oil-and-gas-pipelines-changing-the-worlds-strategic-map-2010-3?op=1>

30 http://pipelinesinternational.com/news/gazprom_may_join_arabian_gas_pipeline/040698/#

<http://temi.repubblica.it/limes/lattentato-al-gasdotto-egiziano/19814?printpage=undefined>

- Blue Stream

Pipeline de fornecimento de gás russo à Turquia.³¹

- South Stream³²

Ai cair do pano de 2011 (29 de Dezembro), chega a notícia de que Rússia e Turquia acertaram os ponteiros sobre o gigantesco gasoduto South Stream, que levará energia russa ao sul da Europa, autorizando o trânsito pelo seu território.³³

- White Stream

O Irão como espaço de trânsito para o escoamento do gás vindo do Turquemenistão, com destino à Ucrânia.



White stream³⁴

(2) - Eixo Norte

Com origem no Irão, no fornecimento à Arménia e na expectativa de ligação à Ásia Central e Ásia Setentrional.

Referências mais importantes:

- Irão -Armenia gás pipeline³⁵

Inaugurado em 19 de Março de 2007.

(3) - Eixo Leste

Com origem no Irão, na expectativa de ligação à Ásia Central e China.

Referências mais importantes:

- Irão-Turquemenistão gasoduto (gasoduto Dauletabad-Sarakhs-Khangiran).

O gasoduto de 182 quilómetros começou a bombear no início de 2010

31 Ver Ásia Setentrional no NGJE.

32 Ver Ásia Setentrional no NGJE.

33 <http://af.reuters.com/article/commoditiesNews/idAFL6E7NS0LU20111228>

http://www.vermelho.org.br/go/noticia.php?id_secao=9&id_noticia=172370

34 <http://wdict.net/gallery/white+stream/>

35 http://en.wikipedia.org/wiki/Iran-Armenia_Natural_Gas_Pipeline

modestos 8 bilhões de metros cúbicos (bmc) de gás turcomeno. Mas tem capacidade para bombear anualmente 20 bmc – com o que serão atendidas todas as necessidades da região do Cáspio iraniano.



Ligação energética Irão-Turquemenistão³⁶

Os interesses dos dois lados estão em perfeita harmonia: Ashgabat consegue um mercado cativo, na porta ao lado; o norte do Irão pode consumir sem medo de racionamentos de inverno. Teerão passa a gerar excedentes para exportar; o Turquemenistão pode buscar vias de exportação para o mercado mundial, via Irão e este pode aspirar a extrair vantagens da sua excelente localização geográfica, como eixo para as exportações turcomenas.³⁷

(4) - Eixo Sul

Com origem no Irão ou noutros actores produtores de gás do Próximo/Médio Oriente na expectativa de ligação à Ásia meridional e à China (via Irão-Paquistão).

Alguns dos projectos para este eixo que privilegia a saída pelo Estreito de Ormuz no Golfo Pérsico pode oferecer transportes mais económicos para o trânsito do gás.

Referências mais importantes:

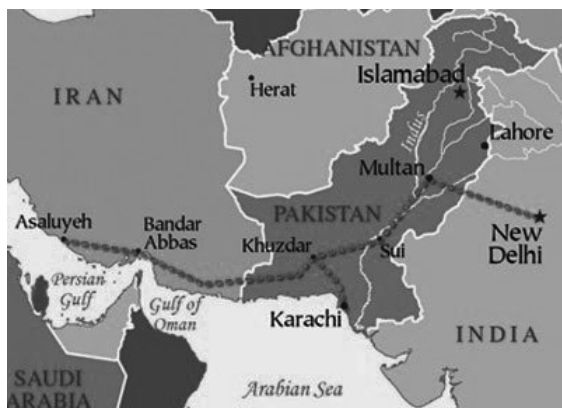
- Irão-Paquistão-Índia, IPI (gasoduto)

Este projecto está sob forte pressão dos EUA e seus aliados ocidentais face à situação de hostilidade existente com o Irão, objecto de sanções económicas.

³⁶ http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16317

³⁷ *Os novos caminhos da seda na Ásia*

<http://geopoliticaopetroleo.wordpress.com/2010/08/13/geopolitica-da-asia-central-das-disputas-tradicionais-aos-projetos-de-integracao-regional/>



IPI³⁸ internacionais de natureza política e económica.

Em alternativa é apresentado e apoiado o projecto TAPI (Turquemenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia).

- Irão-Paquistão-China (gasoduto)³⁹
- Encontra-se em estudo.



Potenciais escoamentos de gás natural⁴⁰

38 <http://www.businessinsider.com/the-15-oil-and-gas-pipelines-changing-the-worlds-strategic-map-2010-3?op=1>

<http://blogofbao.wordpress.com/category/guerre/>

<http://neftegaz.ru/en/news/view/100859>

http://www.eoearth.org/article/Energy_profile_of_Iran

<http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=16932>

39 Também está em estudo a ligação Irão-Afeganistão-China.

40 <http://geopoliticadopetroleo.wordpress.com/2010/08/13/geopolitica-da-asia-central-das-disputas-tradicionais-aos-projetos-de-integracao-regional/>

- Irão-Turquia (gasoduto)
 - Irão-Arménia (gasoduto)
- Em funcionamento desde 2008.

- Irão-Arménia (oleoduto)
- Em estudo.

c. Potencialidades

O Próximo e Médio Oriente tem como potencialidades no NGJE as que derivam da valorização do território turco para o escoamento da energia para o Mediterrâneo e para a Europa do Sul e bem assim as garantias de segurança energéticas oferecidas pelo dispositivo da OTAN, em situação de crise.

Apesar da estratégia ocidental privilegiar o corredor turco para chegar ao Mediterrâneo e à Europa do Sul, o mesmo objectivo está presente nas iniciativas russas, antecipando-se à fita do tempo da energia da União Europeia.

No balanceamento energético, o Próximo e Médio Oriente o NGJE trouxe a abertura de um corredor de petróleo (TBC) para o Mediterrâneo e Sul da Europa e o equacionamento para o mesmo espaço da abertura de um corredor de gás (Nabucco), para o qual também concorre a própria Federação russa (via South Stream).

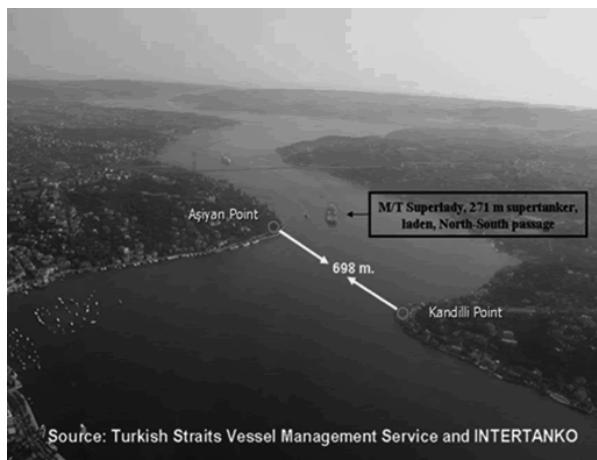
Não menores potencialidades são as que tem por protagonista o Irão desde que liberto do seu enredo nuclear e, bem assim o Qatar, no Golfo Pérsico.

O Próximo e Médio Oriente através do NGJE surge como um terminal da Transcaucásia e da Ásia Central, numa forma de balanceamento de poder energético Leste-Oeste e também Norte-Sul.

d. Vulnerabilidades

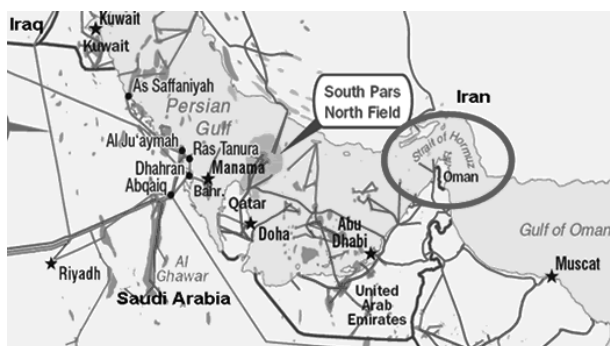
No NGJE são consideradas vulnerabilidades:

- todas as situações propícias à erupção de instabilidade que têm origem no tempo da guerra fria (conflito israelo-palestiniano) e no pós-guerra fria (conflito iraquiano);
- a situação de instabilidade política que se tem vindo a acentuar depois da eclosão da revolução islâmica de 1979, no Irão, agravada com a desconfiança acumulada em relação à sua opção nuclear;
- o congestionamento e insegurança do tráfego pelos Estreitos do Bósforo e Dardanelos;



No Bósforo⁴¹

- igualmente crítica a passagem pelo Estreito de Ormuz, entre outros.



Estreito de Ormuz⁴²

-exteriorização de jogos de guerra e de ameaças recíprocas;

- ...

41 http://www.eia.gov/cabs/World_Oil_Transit_Chokepoints/Full.html

42 http://www.eia.gov/cabs/World_Oil_Transit_Chokepoints/Full.html

Ver a ameaça iraniana sobre o Estreito de Ormuz em:

<http://www.businessweek.com/news/2011-12-28/oil-declines-from-six-week-high-as-iranian-supply-concerns-ease.html>

As receitas das exportações de energia representam cerca de 80% a 90% do PNB. Igualmente o orçamento iraniano vive de 50% das receitas da energia.

3. A Transcaucásia no NGJE

É bem diferente o papel desempenhado pelos três actores principais da Transcaucásia no NGJE: o Azerbaijão, ribeirinho do Mar Cáspio como produtor energético de gás e petróleo; a Geórgia, como espaço de escoamento da energia do Azerbaijão para o Mar Negro (e Mediterrâneo) ou para a Turquia (e Mediterrâneo); a Arménia, enclausurada entre o Azerbaijão, a Geórgia, o Irão e a Turquia, refém de conflitos históricos ainda não ultrapassados, especialmente com a Turquia (genocídio arménio em 1915) e Azerbaijão (conflito de Nagorno Karabakh).

Passam pela Transcaucásia as iniciativas europeias e dos EUA de libertar a própria Europa de uma dependência exclusiva do escoamento energético via Gazprom (Federação russa), ao mesmo tempo que a Federação russa não prescinde de afirmar a influência no seu estrangeiro próximo e de recuperar algum peso do tempo soviético.

a. Produção

A Transcaucásia participa com as seguintes formas de energia no NGJE:

(1) - Gás: Azerbaijão

(2) - Petróleo: Azerbaijão

A principal origem da produção situa-se actualmente em Baku e suas imediações, donde partem quatro pipelines.

b. Escoamento

São potenciais candidatos para o escoamento da energia do Azerbaijão, adentro dos quatro principais eixos de referência indicados:

(1) - Eixo Oeste



Pipelines com origem em Baku⁴³

⁴³ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Baku_pipelines.svg

(a). Via Geórgia e Federação russa, na direcção do Mar Negro.

Referências mais importantes:

- Baku–Novorossiysk (oleoduto)

Este oleoduto vai de Baku a Novorossisk, porto russo no Mar Negro. Construído em 1997 sempre funcionou irregularmente por causa de problemas nos pagamentos e porque atravessa áreas instáveis politicamente.

- Baku–Supsa (oleoduto)

Este oleoduto liga Baku a Supsa, porto georgiano no Mar Negro, passando por Tbilissi, capital da Geórgia.

Foi construído em 1999. O crude é transportado em petroleiros tendo duas vias para chegar à Europa: via marítima, passando pelos estreitos do Bósforo e Dardanelos ou via terrestre, com início nos portos romenos, ucranianos ou búlgaros do Mar Negro.

A via marítima tem a desvantagem de dar muito peso à Turquia, aliado ao facto de o trânsito nos Estreitos se encontrar muito sobrecarregado e não ser isento de perigos de acidentes (ambientais ou terroristas).

(b). Via Geórgia-Turquia, na direcção do Mediterrâneo.

Referências mais importantes:

- Baku–Tbilisi–Ceyhan (oleoduto)

- Baku–Tbilisi–Erzurum ou South Caucasus Pipeline (gasoduto)⁴⁴

- Trans-Caspian Gás (projecto)⁴⁵

- Trans-Anatolian gás pipeline (projecto)⁴⁶

- Nabucco (gasoduto)⁴⁷

Neste projecto da iniciativa da UE, visando uma alternativa à dependência do fornecimento russo à Europa, a Transcaucásia está presente através dos fluxos energéticos do Azerbaijão e da sua eventual ligação à Ásia central.

(c). Via Geórgia, Ucrânia, Europa

Proposta da Ucrânia, em 2005, de construção de um gasoduto, apresentando-se também como alternativa aos escoamentos do Cáspio.

Expectativa de entrar em funcionamento em 2012 (1ª fase) e na totalidade (2ª fase) em 2015, com a expectativa de escoar também gás do Irão e do Turquemenistão.

Referência mais importante:

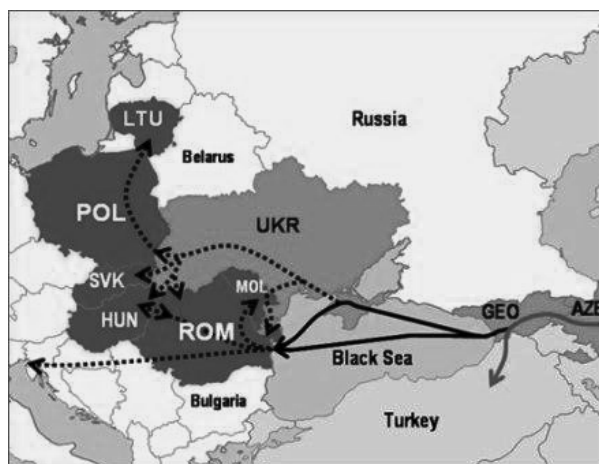
- White Stream Geórgia-Ukraine-EU gás pipeline

⁴⁴ Encerrado em 13 de Agosto de 2008, por razões de segurança.

⁴⁵ Ver Próximo e Médio Oriente no NGJE.

⁴⁶ Ver Próximo e Médio Oriente no NGJE.

⁴⁷ Ver Próximo e Médio Oriente no NGJE.



Whitestream⁴⁸

(2) - Eixo Norte

Via Federação russa, na direcção do Norte da Europa, apoiando-se na rede de escoamento do gás do tempo da Ex-URSS.

Esta via seria mais uma forma da Federação russa absorver o controle do gás do Cáspio.

Referências mais importantes:

- Baku-Novo-Filya gás pipeline

Ao longo do Mar Cáspio para as Repúblicas russas do Norte do Cáucaso.

Em actividade desde 1 de Janeiro de 2010.

(3) - Eixo Leste

Via países da Ásia Central (Cazaquistão, Turquemenistão, Uzbequistão) na direcção da China e Pacífico.

Projecto em estudo.

(4) - Eixo Sul

Para o abastecimento de energia à Arménia.

Referências mais importantes:

- Rússia-Geórgia-Armenia (North-south gás pipeline)

No passado provinham da Rússia os fornecimentos de petróleo, utilizando o caminho-de-ferro via Azerbaijão. O embargo imposto pelo Azerbaijão à Arménia em virtude do conflito de Nagorno-Karabakh interrompeu o seu fornecimento,

⁴⁸ http://pipelinesinternational.com/news/white_stream_considers_georgian_link/040569/#
<http://wdict.net/gallery/white+stream/>

situação agravada pela instabilidade na fronteira russo-georgiana.

A alternativa de fornecimento, quer em gás, quer em petróleo vem do Irão, competindo com a Gazprom.

O Azerbaijão e a Arménia são também vias de escoamento na direcção do Irão, Golfo Pérsico e Índico (fase de projectos).

c. Potencialidades

O espaço da Transcaucásia está na mira dos principais consumidores energéticos mundiais, numa disputa de influências que permite aos seus actores diversificarem e rentabilizarem quer a produção, quer o espaço de escoamento da energia.

Aqui se centram as estratégias ocidentais (EUA, UE, ...) de retirar protagonismo e liderança à Federação russa a nível do escoamento do gás (Nabucco, White Stream, ...), seguindo a bem sucedida iniciativa a nível do escoamento do petróleo (via BTC).

d. Vulnerabilidades

Resultantes das situações de instabilidade que têm origem no próprio desmembramento da URSS, com o apoio da Federação russa a tendências separatistas na Geórgia; idem situação de conflito entre a Arménia e o Azerbaijão, a que não são alheios os enclaves de cada um deles no território do outro.

A inserção dos actores regionais num enredo geopolítico e geoeconómico que os ultrapassa, com contornos de nova guerra fria.⁴⁹

A hostilidade da Rússia face a qualquer pretensão de isolamento do seu vizinho próximo, em especial a sua influência sobre Yerevan, dados os laços históricos entre russos e arménios e a sua herança cristã ortodoxa.

⁴⁹ O corredor euroasiático: A geopolítica dos pipelines e a nova guerra fria por Michel Chossudovsky (http://resistir.info/chossudovsky/geopolitica_pipelines_p.html)

4. A Ásia central no NGJE

A Ásia central está presente no NGJE enquanto espaço de irradiação e de passagem obrigatória para a maior parte dos pipelines energéticos e enquanto produtora de gás e petróleo.⁵⁰

O facto de dois dos seus actores principais terem fronteiras com o Mar Cáspio (Cazaquistão e Turquemenistão), com todas as suas potencialidades que daí decorrem, confere à Ásia central um papel de pivot fundamental, qual heartland da energia⁵¹.

a. Produção

A Ásia Central participa com as seguintes formas de energia no NGJE:

(1) - Gás: Cazaquistão, Uzbequistão e Turquemenistão.⁵²

(2) - Petróleo: Cazaquistão e Uzbequistão

Central Asia and the Trans-Caucasus: Proven Oil Reserves, 2003

| Country | Reserves (bn bbl) | Reserves Remaining (years) |
|--------------|----------------------|-------------------------------|
| Kazakhstan | 9.0 | 24 |
| Turkmenistan | 0.6 | 8 |
| Uzbekistan | 0.6 | 10 |

Central Asia and the Trans-Caucasus: Proven Gas Reserves, 2003

| Country | Reserves (trillion cf) | Reserves Remaining (years) |
|--------------|---------------------------|-------------------------------|
| Kazakhstan | 65.0 | 133 |
| Turkmenistan | 71.0 | 34 |
| Uzbekistan | 66.2 | 32 |

Source: OET Annual Statistical Review, 2003

Reservas em petróleo e gás⁵³

b. Escoamento

O escoamento da energia dos países da Ásia central está completamente dependente de terceiros, uma vez que se trata de actores encravados sem ligação directa ao exterior. Acresce que herdaram uma total dependência das infra-estruturas russas canalizadas para a ex-Europa soviética ou para a Europa de Leste.

Apesar da liberdade de acção dos actores ter passado a ser maior, os custos da procura de alternativas não são menores, a par da forte competição de que passaram a ser alvos.

50 http://www.emergingmarketsforum.org/papers/pdf/2010_EMF_Eurasia_Olcott_Oil_and_Gas_Reserves.pdf

51 <http://www.lesmanantsduroi.com/articles2/article32398.php>

52 Quirguizistão e Tajiquistão, em menor quantidades.

53 http://www.oilandenergytrends.com/ger/ger_asia.asp#1

Os pipelines para o escoamento do petróleo partem todos do Cazaquistão e são principalmente seis.

Os gasodutos são três e partem do Turquemenistão.

(1) - Eixo Oeste

Na direcção da Federação russa, Mar Cáspio, Mar Negro, Mar Mediterrâneo e Europa.

Referências mais importantes:

- Cazaquistão- Novorossiysk oleoduto



Tengiz - Novorossiysk pipeline ⁵⁴

Apoio na rede russa da Gazprom. Em actividade desde 2001.⁵⁵

- Turquemenistão-Azerbaijão gasoduto

- Trans-Caspian Gás Pipeline (TCGP)

Projecto de oleoduto (sob o Cáspio), que garantiria a ligação ao gasoduto BTC. Teve a oposição da Federação russa.⁵⁶

⁵⁴<http://energetyka.com.ua/kaspijskij-truboprovodnij-konsorcium.html>

http://pipelinesinternational.com/news/tengiz-novorossiysk_pipeline_expansion_works_commence_this_month/011785/#

⁵⁵ The founding governments of the CPC are Russia (24%), Kazakhstan (19%), and Oman Sultanate (7%). Private shareholders of the CPC are Chevron Caspian Pipeline Consortium Company (15%), LUKARCO B.V. (12,5%), Rosneft-Shell Caspian Ventures Ltd (7,5%), Mobil Caspian Pipeline Company (7,5%), Agip International N.V. (2%), BG Overseas Holding Ltd (2%), Kazakhstan Pipeline Ventures LLC (1,75%) and Oryx Caspian Pipeline LLC (1,75%).(<http://www.azerbaijantoday.az/ARCHIVE/13/economics6.html>)

⁵⁶ <http://www.upstreamonline.com/live/article123733.ece>

Com a assinatura de um acordo em 12 de Maio de 2007 entre a Rússia, o Cazaquistão e o Turquemenistão para o escoamento do gás através da Rússia, o TCGP ficou ultrapassado.



TCGP⁵⁷

- White Stream (gasoduto)⁵⁸



White Stream com ligação à Ásia central⁵⁹

(2) - Eixo Norte

Na direcção da Federação russa.

Referências mais importantes:

- Cazaquistão-Samara oleoduto⁶⁰

Inserção na rede russa da Gazprom.

(3) - Eixo Leste

Na direcção da China (RPC) e Pacífico.

Esta via apoiada especialmente pela China, que deseja diminuir a sua dependência do Médio Oriente e de África, pode vir também a beneficiar todo o nordeste asiático.

Permite também aliviar a dependência directa da RPC em relação à Rússia.

⁵⁷ <http://eurasianenergyanalysis.blogspot.com/>

⁵⁸ Ver Próximo e Médio Oriente, eixo oeste.

⁵⁹ <http://wdict.net/gallery/white+stream/>

⁶⁰ <http://www.condensat.kz/our-region.html?&L=2>

Referências mais importantes:

- Turquemenistão- Uzbequistão- Cazaquistão- China (gasoduto)

Tem a sua génese no acordo de fornecimento de gás à China assinado e ratificado em 2007 pelo Cazaquistão e Turquemenistão.

O pipeline tem a extensão de 200 km no Turquemenistão, 550 km no Uzbequistão, 1 300 km no Cazaquistão e 8 000 km na China.

Mais tarde, em Setembro de 2011, a China assinou um novo acordo com



A Ásia central na ligação à China⁶¹

o Cazaquistão para aumentar em 80% o fornecimento de gás previsto nas negociações de 2007. Um acordo do mesmo tipo envolveu o Turquemenistão, que já tinha feito os primeiros fornecimentos de gás à China em 2009.

O pipeline da Ásia central para a China está previsto estar em pleno funcionamento em 2014.⁶²

- Cazaquistão-China oleoduto⁶³

Este oleoduto leva a energia do Cáspio até à China numa extensão de cerca de 3.000 km, tendo começado a ser estudado em 1997.

61 http://mergersandacquisitionreviewcom.blogspot.com/2011_02_24_archive.html

<http://www.businessnewskazakhstan.com/2011/09/china-and-kazakhstan-signed-gas-pipeline-agreement/>

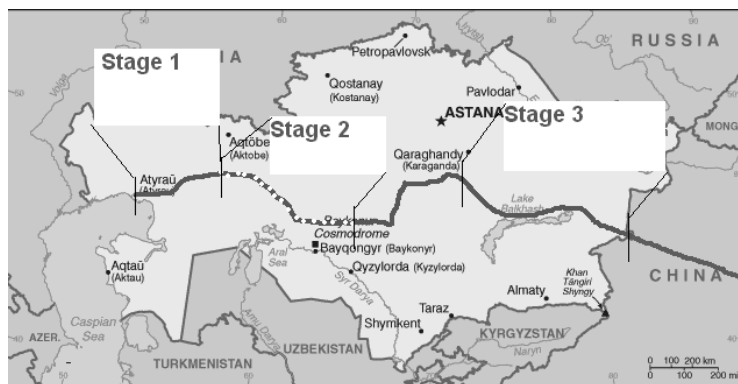
<http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=9907>

62 <http://www.iStockanalyst.com/article/viewiStockNews/articleid/3695920>

<http://www.businessnewskazakhstan.com/2011/09/china-and-kazakhstan-signed-gas-pipeline-agreement/>

<http://www.naturalgasasia.com/new-great-game-in-old-central-asia-3925>

63 http://en.wikipedia.org/wiki/Kazakhstan%E2%80%93China_oil_pipeline



Oleoduto Cazaquistão-China

A construção da primeira secção foi completada em 2003 e em 1 de Janeiro de 2006, depois da construção de 1000 km de pipelines, chegavam os primeiros fornecimentos à rede energética chinesa.⁶⁴

(4) - Eixo Sul

Na direcção do Irão, Afeganistão, Paquistão e Índia.

Qualquer das referências indicadas estão envoltas pela conjuntura regional da ameaça nuclear iraniana e das sanções internacionais que têm vindo a aumentar por pressão dos EUA (AIEA, UE, Israel, ...), com reflexo nas iniciativas económicas iranianas.

Referências mais importantes:

- Turquemenistão-Irão (gasoduto)

Entrou em actividade em 2010, para fornecimento de gás ao Irão⁶⁵, numa demonstração de capacidade de manobra do regime iraniano na sua ligação à Ásia central.

- Cazaquistão-Turquemenistão-Irão (oleoduto)

Como projecto sob a iniciativa do Irão.

- Turquemenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia ou Trans-afegão gasoduto (gasoduto).

⁶⁴ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Kazakh-China_Pipeline.PNG

http://www.sras.org/geopolitics_of_oil_pipelines_in_central_asia

<http://www.chinapage.com/transportation/pipeline/pipeline.html>

⁶⁵ <http://www.irantracker.org/foreign-relations/turkmenistan-iran-foreign-relations>

http://www.jamestown.org/programs/edm/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=35892&tx_ttnews%5BbackPid%5D=484&no_cache=1



TAP/TAPI⁶⁶

As opções entre os pipelines TAP/TAPI (Turquemenistão, Afeganistão, Paquistão e Índia) e o IPI (Irão Paquistão Índia) decorrem do conflito com o Irão e da sua opção nuclear.

c. Potencialidades

São consideradas potencialidades a possibilidade dos actores produtores de energia estarem presentes igualmente em todos os eixos de escoamento, aumentando assim a sua capacidade de manobra face à procura externa.

São regimes com economias em expansão favoráveis ao investimento, com projectos em execução ou planeados para todos os eixos de escoamento, em especial para sul e para leste (aqui com elevadíssimos índices de crescimento, China, Coreia do sul e Japão).

A garantia de segurança presente na SCO (Shanghai Cooperation Organization) a que os países da Ásia central pertencem, juntamente com a China e Rússia.

d. Vulnerabilidades

O facto de a independência política destes actores saídos do desmoronar da URSS não se traduzir em independência económica.

Apesar da sua riqueza, dependem muito do exterior a nível de infra-estruturas e de investimento para a exploração das suas jazidas.

São países encravados, e como tal dependem de terceiros para ter acesso

⁶⁶ Em 30 de Maio de 2002 os presidentes do Turquemenistão, Afeganistão e Paquistão chegaram a acordo para levar à prática o TAP. Como o Irão também tinha um projecto de fornecimento de gás para os mesmos países, inicia-se uma feroz competição entre ambos os projectos, a que não é alheia a oposição dos EUA a qualquer apoio ao projecto do Irão. <http://tapister.wordpress.com/2011/11/25/the-politics-of-gas-pipelines-in-asia/>
http://www.policyalternatives.ca/doc...ubled_Land.pdf

ao mar, ao exterior, aos principais mercados. As dificuldades de estratégias de cooperação entre todos os actores estão evidenciadas no desaparecimento progressivo do mar Aral, servido por redes hidrográficas que envolvem todos os países da Ásia Central.

Apontados ainda deficits democráticos, com democracias pouco consolidadas e as acções de células terroristas pouco controladas, pelo que actos de sabotagem são um perigo constante. Países como o Tadjiquistão (muito pouco desenvolvido e com ligações estreitas com o Irão em virtude da influência xiita) e o Uzbequistão (um *melting pot* de etnias e religiões) não são considerados actores fiáveis. A sua inserção na luta contra o terrorismo internacional está longe de trazer a pacificação regional.

5. A Ásia setentrional no NGJE

A Federação russa pela sua dimensão é o maior país do mundo e tem a 6ª maior população. É herdeira da URSS e como tal tem a responsabilidade de fazer a transição pacífica e económica do país, garantindo as suas zonas de influência, o seu estrangeiro próximo.

Continua a ser uma potência nuclear e a ter um poder significativo a nível internacional.

É responsável pela transição de uma economia planificada para uma economia de mercado; é responsável pela consolidação democrática do país.

Enfrenta os desafios da sua própria identidade.

É ainda um país instável, ao ritmo dos avanços e recuos das suas transições política, económica e das flutuações da sua própria identidade cultural.

A Rússia encontra-se numa situação de privilégio no NGJE⁶⁷.

Por isso mesmo e apesar de algumas vulnerabilidades do próprio regime de cariz acentuadamente autoritário, tenderá a continuar a usar o *factor energia* para a cobrança evidente de dividendos políticos.

O fim da guerra fria representou para a Rússia o fim do conflito ideológico mas também um aumento do espaço de manobra quer a nível de espaço internacional, quer na capacidade de acesso ao exterior.

A Rússia destaca-se no NGJE, assumindo-se como o pivot do NGJE pela importância dos seus recursos naturais a nível mundial.

A Rússia é não só um jogador fundamental na região pelas suas dimensões e pelo potencial de abastecimento a outros blocos económicos como também é o maior produtor mundial de gás natural.

⁶⁷ http://www.eoearth.org/article/Energy_profile_of_Russia

a. Produção

A Ásia Setentrional participa no NGJE com a oferta de gás e petróleo para os mercados, em duas áreas:

- Sibéria:



Reservas de gás e petróleo⁶⁸

- Ilha Sacalina



Ilha Sacalina⁶⁹

⁶⁸ <http://www.gazprom.com/production/reserves/>

<http://eng.gazpromquestions.ru/?id=9>

⁶⁹ <http://www.gazprom.com/production/projects/pipelines/shvg/>

(1)- Gás

A Rússia tem actualmente a maior reserva mundial de gás natural.⁷⁰

A sua produção está dispersa por todo o território, ainda que as maiores jazidas se encontrem na zona da Sibéria/Montes Urais e a norte do mar Cáspio.

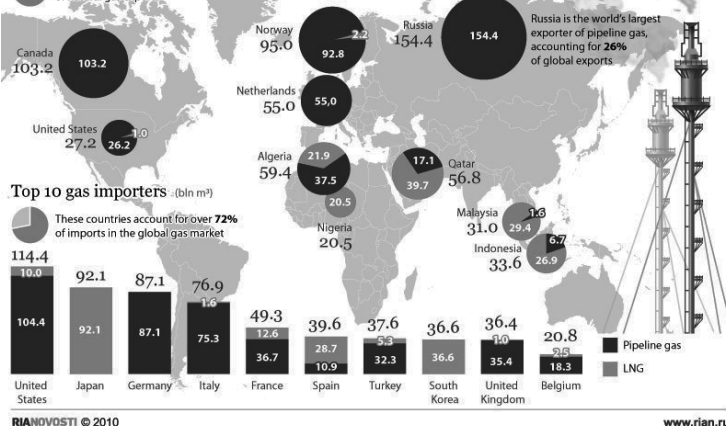
O mercado global de gás natural inclui também a rede de pipelines (gasodutos) e o Gás Natural Liquefeito (LNG).

The global natural gas market

The global natural gas market includes the pipeline gas market and the liquefied natural gas market

Top 10 gas exporters (bln m³)

These countries account for over 78% of natural gas exports



O mercado global de gás natural⁷¹

A Federação russa lidera a defesa dos países exportadores de gás através do Gás Exporting Countries Forum (GECF)⁷² criado em 2001.

(2) - Petróleo

A Rússia é o segundo exportador de petróleo a seguir à Arábia Saudita, encontrando-se fora do âmbito da OPEP, com quem assinou apenas um memorandum de cooperação.

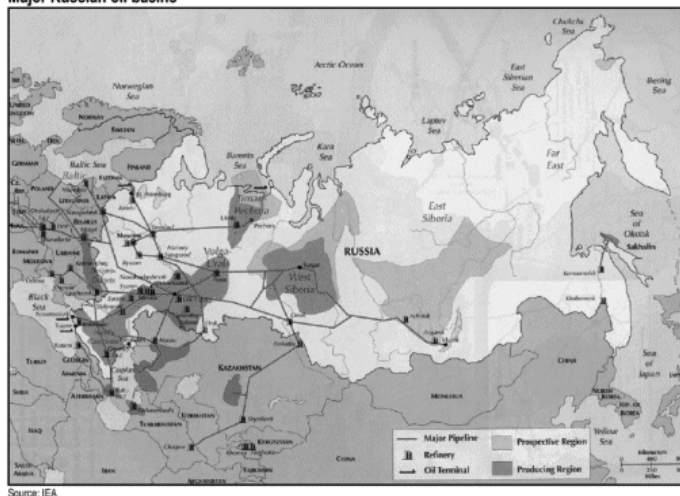
A sua produção está dispersa por todo o território, ainda que as maiores jazidas se encontrem na zona da Sibéria/Montes Urais e a norte do mar Cáspio.

⁷⁰ <http://eng.gazpromquestions.ru/?id=9>

⁷¹ <http://en.rian.ru/infographics/20100426/158748785.html>

⁷² <http://news.windowstorussia.com/friends-in-gas.html>

Major Russian oil basins



b. Escoamento

A Rússia dispõe da mais vasta rede de infra-estruturas de pipelines do mundo, ligando o espaço euro-asiático e interligando as sub-regiões asiáticas (de este a oeste, de norte a sul).

De salientar que apesar desta vasta rede de infra-estruturas repousar no velho espaço soviético, a Rússia, mercê da acrescida capacidade de manobra dispõe de outras alternativas como aquela que se insere na construção de uma ligação ao Báltico para tornar eventuais dificuldades de alguns países ao escoamento da sua energia (Ucrânia ou Bielorrússia).

O enorme espaço euro-asiático da Rússia é de enorme importância na diversificação das suas relações com o exterior, potenciando assim o negócio da distribuição da energia.

(a) - Eixo Oeste

Escoamento energético na direcção do Mar Negro, Mar Mediterrâneo e Europa do Sul.

Referências mais importantes:

- Blue Stream

Também denominado Gasoduto do Mar Negro.

Encontra-se activo desde 2010, suprimindo as necessidades em gás da Turquia e evitando a influência do trânsito por outros países.



Gasoduto do Mar Negro⁷³

- South Stream



Projecto do South Stream⁷⁴

O South Stream é um gasoduto proposto em 2007 para o transporte de gás natural da Rússia até ao Mar Negro, atravessando a Bulgária até Itália e Áustria. O projecto, em parte substituirá a prevista ampliação do Blue Stream que vai da Turquia através da Bulgária e Servia até à Hungria e Áustria, é visto como rival do Gasoduto Nabucco.

Previsto estar concluído em 2015.⁷⁵

⁷³ In http://en.wikipedia.org/wiki/Blue_Stream

⁷⁴ <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Southstream.png>
<http://www.businessinsider.com/the-15-oil-and-gas-pipelines-changing-the-worlds-strategic-map-2010-3?op=1>
<http://www.naturalgaseurope.com/south-stream-consent-provides-turkey-with-gas-discount-4248>

⁷⁵ Atendendo à competição que se verifica nesta região do Mar Negro envolvendo outras iniciativas de escoamento de gás (White Stream e Nabucco) o governo russo ordenou à Gazprom a antecipação de um ano para o início da construção do novo gasoduto, ou seja, até final de 2012.

A Ucrânia é também uma grande opositora do projecto por verificar que existe uma estratégia da Federação russa em tornar o seu território no acesso à Europa, quer a norte (via North Stream), quer a sul (via south Stream).

Ai cair do pano de 2011 (29 de Dezembro), Rússia e Turquia acertaram os ponteiros sobre o gigantesco gasoduto South Stream, que levará energia russa ao sul da Europa, autorizando o trânsito nas suas águas territoriais.⁷⁶

- Oleoduto Baku-Novorossiysk⁷⁷

Levanta problemas de segurança na passagem pela Chechénia e Daguestão.

(b) - Eixo Norte

Escoamento energético na direcção do Norte da Europa, evitando o trânsito por outros países.

Referências mais importantes:

- North Stream



Northstream⁷⁸

(c) - Eixo Leste

Referências mais importantes:



ESPO pipeline para o Espaço chinês e Nordeste asiático⁷⁹

(<http://www.naturalgaseurope.com/putin-orders-south-stream-construction-to-start-in-2012-4245>)

⁷⁶ <http://af.reuters.com/article/commoditiesNews/idAFL6E7NS0LU20111228>

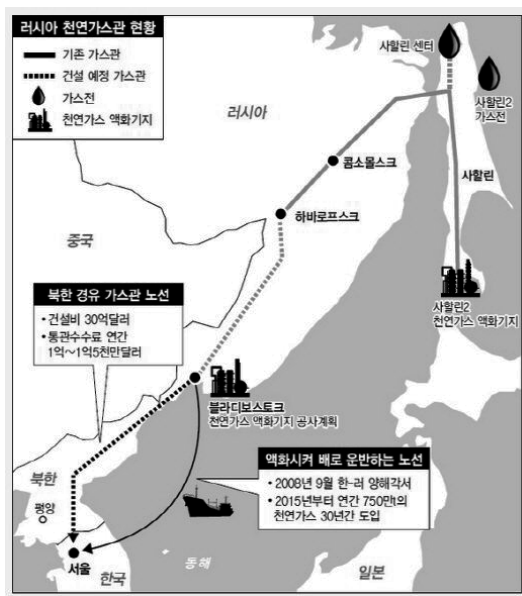
http://www.vermelho.org.br/go/noticia.php?id_secao=9&id_noticia=172370

⁷⁷ A Federação russa presente através da Transneft, empresa estatal russa de petróleo.

⁷⁸ http://en.wikipedia.org/wiki/Nord_Stream

⁷⁹ <http://garizo.blogspot.com/2009/04/russian-oil-pipeline-to-reach-chinese.html>

Na direcção da península coreana, Japão, Taiwan, Pacífico
- East Siberia-Pacific Ocean (ESPO) pipeline⁸⁰



ESPO pipeline para a península coreana⁸¹

A descoberta de vastas reservas de petróleo e de gás na Ilha Sacalina e a sua exploração a partir de 2005, veio ainda aumentar mais as expectativas russas de projecção de poder para o Pacífico.

Também o Ártico cria enormes expectativas de exploração das jazidas

⁸⁰ A extensão do oleoduto Sibéria-Pacífico até agora é de 2.757 km. Mas, em 2013, quando a sua construção estiver totalmente concluída, aumentará para 4.070 km, tornando-se o maior oleoduto do mundo. E dos portos russos do Pacífico, o governo de Moscovo poderá entregar petróleo praticamente na porta ao Japão e à Coreia do Sul, além da China, enquanto, paralelamente, terá acesso aos mercados do Sudeste Asiático (Vietname, Tailândia, Malásia e outros). A construção de um oleoduto de 4.070 km como o Espo é uma obra caríssima. O custo total é calculado em torno de US\$ 25 bilhões, financiado totalmente pelo governo russo, a exemplo de todos os demais oleodutos e gasodutos operados e administrados pela gigantesca empresa estatal russa Transneft. Obviamente, trata-se de investimento de elevado lucro. Em troca do prolongado acordo de fornecimento para China de 300 milhões de toneladas de petróleo durante os próximos 20 anos, o governo chinês concederá à Transneft e à igualmente empresa estatal russa Rosneft empréstimos totalizando US\$ 25 bilhões, pagando praticamente adiantado o petróleo que receberá ao longo de 20 anos. O excelente clima de cooperação sino-russa por causa do início do fornecimento de petróleo fez com que, China e Rússia iniciassem negociações para entrega de gigantescos volumes de gás natural russo à China. Está já em negociação a entrega para China, durante os próximos oito anos, de 70 bilhões de metros cúbicos de gás natural anualmente, volume que representa a metade do gás natural exportado pela Rússia à Europa.

⁸¹ <http://news.windowstorussia.com/russia-is-tying-the-korea%E2%80%99s-by-gas%E2%80%A6.html>

energéticas ali existentes para as quais já se disponibilizam os cinco países ribeirinhos, através de sucessivas reuniões inter-governamentais⁸².

- Na direcção da RPC
- East Siberia-Pacific Ocean (ESPO) pipeline, com um ramal da refinaria russa de Skovorodino para Mohe County (Mòhé Xiàn) e refinaria de Daqing, na província chinesa de Heilongjiang.

A Rússia espera ganhar anualmente 57 biliões de rublos (\$1.8 bln) com a exportação de petróleo para a China.

O oleoduto lançado em 1 de Janeiro de 2011, transporta 300 mil barris de petróleo por dia para a China, enquanto outros 300 mil barris são levados via linha ferroviária para o porto russo de Kozimo⁸³.



ESPO pipeline⁸⁴

A Rússia, através do gasoduto Sibéria-Pacífico, já detém o mercado da Ásia, reduzindo a sua dependência dos mercados consumidores da Europa. Também a China promove, metodicamente, a sua independência do petróleo do Médio Oriente, o qual é controlado política e militarmente pelos EUA. Já o Irão, sob a pressão do bloqueio norte-americano, desliga-se, gradualmente, dos mercados do Ocidente e promove o seu petróleo cada vez mais para a Ásia - China, Japão, Paquistão e outros - operação esta que garante o abastecimento da Ásia por fontes não controláveis pelo Ocidente.

(d) - Eixo Sul

Participação das empresas estatais russas (Gazprom e da Transneft) nas iniciativas para o escoamento energético para o Golfo Pérsico e Índico.

82 Uma comissão da ONU está a analisar as questões de soberania no Ártico e espera-se que apresente as suas conclusões até 2020.

Cinco países com costas no oceano Ártico (Canadá, Dinamarca, Noruega, Rússia e Estados Unidos) disputam a soberania destas águas.

83 Acordo a vigorar durante 20 anos.

84 <http://seekingalpha.com/article/181963-russia-s-new-energy-economy-looks-east>
http://windowonheartland.blogspot.com/2011_01_01_archive.html

Apoio à Arménia com quem mantem ligações históricas.

Referências mais importantes:

- Rússia-Geórgia-Arménia (North-south gás pipeline)

(e) - A Federação russa e o Sudeste asiático

A Federação russa pode chegar ao Sudeste asiático não só a sua própria energia como também os seus próprios investimentos via Gazprom.⁸⁵

c. Potencialidades

A vasta rede de pipelines e gasodutos.

A nível da sua balança comercial, a Rússia tem mostrado grande capacidade exportadora, tendo tido resultados significativos dessa sua actividade através do NGJE, tendo paralelamente o seu próprio consumo energético interno vindo a aumentar e a diversificar-se.

As capacidades da Rússia estão presentes na assinatura de novos acordos com o Cazaquistão, com o Turquemenistão e com o Uzbequistão. Especialmente importantes são as relações entre a Rússia e o Cazaquistão que vão muito para lá da área energética (Cosmódromo de Baikonur!...).

Surge também como potencialidade o projecto apresentado por Putin de tornar o rublo convertível em outras moedas de importância como o euro e usar assim o rublo nas suas transacções de petróleo a nível internacional e neste sentido transferir parte das suas consideráveis reservas em dólares para outras moedas.

A Rússia só depende dela própria relativamente à gestão dos seus próprios recursos, relativamente à defesa dos seus interesses vitais e até na ponderação dos interesses vitais dos outros actores.

Através da capacidade de diversificação da sua rede de distribuição de energia ao exterior a Rússia pode facilmente libertar-se da dependência do fornecimento numa única direcção.

Também a dependência de terceiros do seu território é notável, em especial as Ex-Repúblicas soviéticas da Ásia central que retribuem na mesma moeda ao colocarem os seus territórios à sua disposição para a exportação de energia soviética para o Sul da Ásia.

O apoio privilegiado no Cazaquistão para ponte para a Ásia central e/ou China.

...

d. Vulnerabilidades

A elevada dependência das receitas provenientes das vendas das suas matérias-primas energéticas.

A economia russa sofre de uma forte dependência das exportações de

⁸⁵ Desde agosto de 2007 a Gazprom tem celebrado contratos com empresas estatais vietnamitas para a exploração, produção e a comercialização de hidrocarbonetos no offshore do Vietname. (<http://eng.gazpromquestions.ru/?id=2#c540>)

gás natural e de petróleo, tornando-se vulnerável às flutuações dos preços do mercado da energia (As receitas provenientes da energia correspondem a 40% do PNB).

Vulnerabilidades na Ciscaucásia, na fronteira do Cáucaso devido à crise chechena, situação do Daguestão e às difíceis relações com a Geórgia.

A concorrência ocidental não só no Médio Oriente, mas também na Transcaucásia e na Ásia Central concorrem para fragilizar o anterior domínio vindo da herança soviética.

A estratégia dos EUA e a reboque a OTAN e a UE contribuíram para alterar os equilíbrios geopolíticos e geoeconómicos anteriores, especialmente depois do 11 de Setembro.

A drástica alteração política no espaço russo não foi acompanhada no entanto de imediatas alternativas de natureza económica, pelo que as antigas estruturas de escoamento energético continuaram a valorizar o espaço russo e o controle dos pipelines.

Paulatinamente a situação tem vindo a mudar por iniciativa dos novos actores, adentro das enormes mudanças proporcionadas pela independência dos actores da Transcaucásia e Ásia Central. Os acontecimentos do 11 de Setembro com a projecção de novos poderes e influências para estas regiões contribuíram para a aceleração das grandes mudanças em curso de natureza geopolítica ou geoeconómica.

6. O Espaço chinês no NGJE

O Espaço chinês não foi beneficiado a nível de recursos energéticos fósseis na proporção das suas necessidades e em especial do ritmo de crescimento que se tem verificado no período contemporâneo.

Um dos maiores desafios de natureza económica da RPC relaciona-se com a sua carência em recursos energéticos o que a obriga a entrar no Novo Grande Jogo da Energia, no espaço da antiga Rota da seda terrestre, agora transformada em Rota do gás e petróleo. Não menos significativa é a sua actividade ao longo da Rota da seda marítima para garantia da segurança dos fornecimentos energéticos.

No Novo Grande Jogo da Energia a China querará inserir-se também na estratégia de fornecimento de energia ao Nordeste asiático e países da Ásia-Pacífico, beneficiando do escoamento do gás e petróleo através do seu território.

O espaço chinês é extraordinariamente carente de energia a que não é alheio o seu elevado ritmo de crescimento económico, especialmente na RPC.

Apesar de a RPC poder encontrar alguns dos recursos energéticos de que necessita em África e na América Latina, é no entanto na Ásia que concentra a sua

atenção, no Médio Oriente em geral e, em particular, no espaço dos produtores ligados ao NGJE.⁸⁶

Quanto à RC (Taiwan), o seu grau de dependência dos fornecimentos energéticos, ainda é mais significativo, compensado pela sua capacidade transformadora e com o recurso à energia nuclear.

a. Produção/Consumo

A capacidade de produção energética é cada vez mais deficitária face ao seu continuado ritmo de crescimento económico.

(1) - Gás⁸⁷

Uma das principais fontes de produção de gás natural da RPC encontra-se em Xinjiang, na bacia de Tarim, chegando ao litoral através de um gasoduto com 4.000 quilómetros de extensão⁸⁸.

A produção está muito aquém das necessidades de consumo⁸⁹, pelo que tem de ser colmatada pelo recurso à importação nas suas principais modalidades de oferta:

- via gasoduto, das fontes de produção até ao território chinês;

西气东输二线工程(东西两段)示意图

Route of West-East Gas Pipelines

86 China: Its geostrategy and energy needs Testimony presented to: The US-China Economic and Security Review Commission By Dr. Constantine C. Menges Senior Fellow, Hudson Institute, October 1, 2003. Er (http://www.uscc.gov/hearings/2003hearings/written_testimonies/031030bios/mengesremarkscontents.htm)

87 Em 29 de Dezembro de 2011 teve já início na RPC a exploração de uma nova fonte de produção de gás não convencional, o gás de xisto (shale gas), prevendo-se estar operacional dentro de 4 a 5 anos.

88 Chinese On shore Gas Reserves: Songliao basin, Sichuan basin, Junggar basin, Tarim basin and Ordos basin.

Chinese Offshore Gas Reserves: Bohai bay, Yinggehai basin, East China Sea basin and Sichuan basin. The Sichuan basin, which was discovered in 2007, has gas reserves of 3.8 trillion cubic meters. To meet the increasing demand at home, the construction of the connection of the Central Asia gas pipeline and the second east-west gas pipeline was started in 2008 and is slated to be completed by the end of 2009. The annual capacity of these pipelines will be 30bcm. Gas giant CNPC expects to start another gas pipeline of 21,000 kms by 2015. The pipeline will cover the major regions of the country.

Moreover, two more gas pipelines will be in operation by 2011, according to the 2006 Russia-China deal, signed by Gazprom and CNPC.

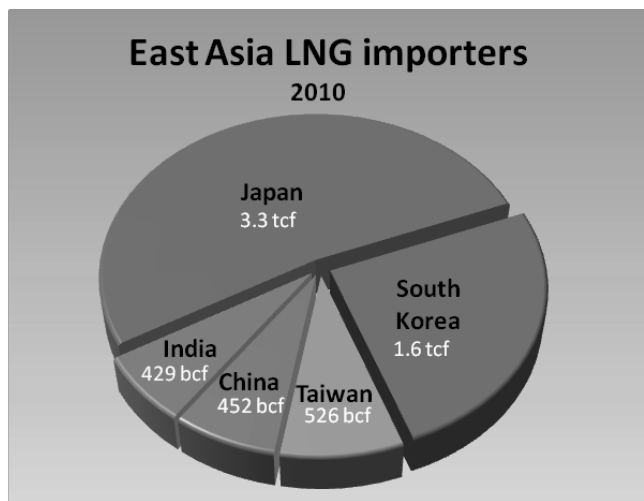
In http://www.economywatch.com/world_economy/china/gas.html

89 China has more than 550 oil and gas fields.

(<http://hslu.wordpress.com/2009/09/08/status-of-oil-industry-in-china-and-taiwan-part-ii/>)

Oeste-Este pipelines⁹⁰

- através do transporte de gás natural liquefeito (LNG).



Source: BP Statistical Review of World Energy

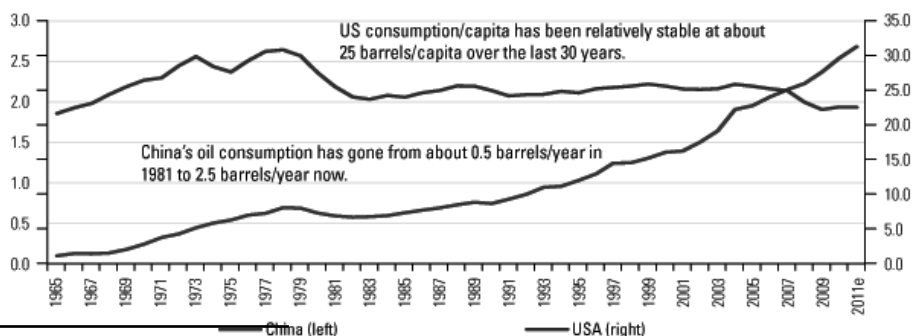
O Espaço chinês na importação de LNG⁹¹

(2) - Petróleo

Até à década de 90 a produção interna na RPC chegava para o seu próprio consumo. Mas a situação mudou drasticamente após aquela data, passando a não corresponder às suas próprias necessidades de principal poder emergente a nível mundial.⁹²

China's Oil Consumption Increases While the U.S. Declines

Oil consumption per capita (b/y)



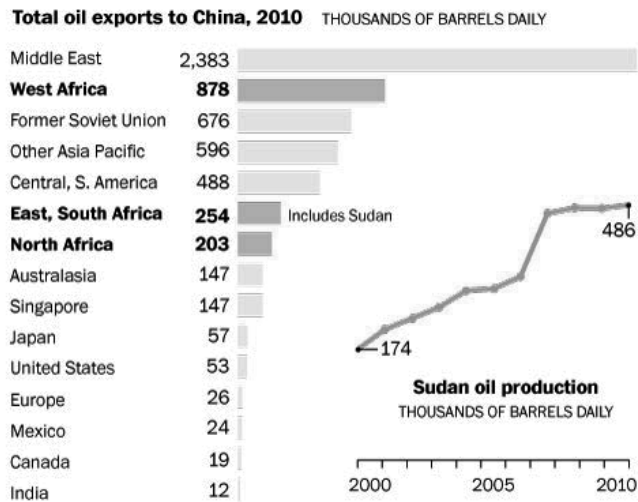
90 http://sinomania.blogspot.com/2009_12_01_archive.html

91 <http://www.arcticgas.gov/Asia-tight-link-between-oil-gas-prices>

92 <http://www.resourceinvestor.com/News/2011/5/Pages/Why-Asia-is-the-Epicenter-of-Oil-Demand-Growth.aspx>

Source: BP, UN, Carnegie Research

A RPC tornou-se o 2º maior consumidor de petróleo pelo que o recurso à importação é cada vez mais exigente.



Importações de petróleo em 2010⁹³

Mais de 60% das importações energéticas chinesas passam pelo Estreito de Malaca, o que tem subjacente problemas de segurança.

b. Escoamento/fornecimento de energia

A RPC está presente em todas as regiões do NGJE que são fonte de produção e escoamento de energia, tentando garantir a satisfação das suas prementes necessidades.

Se com o Próximo e Médio Oriente e Transcaucásia o Espaço chinês não tem fronteira, tal não sucede com a Ásia central e Ásia setentrional, o que se traduz em menor ou maior dificuldade no acesso à energia de que necessita.

(1) -Do Próximo e Médio Oriente

O fornecimento de petróleo à RPC por parte de alguns países do Médio Oriente encontra-se assegurado e enquadrado a nível da OPEP. Já o mesmo não acontece quanto à aquisição de gás natural, por parte dos principais fornecedores, o Qatar e o Irão. Quer num caso, quer noutro as distâncias a percorrer são elevadas e as questões de segurança do seu transporte terão de ser devidamente tidas em consideração.

Referências mais importantes:

⁹³ http://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/oil-interests-push-china-into-sudanese-mire/2011/12/19/gIQAkzGGP_story.html

(a) - Gás Iraniano⁹⁴

O Irão, o 2º produtor mundial de gás natural, está em condições de perspectivar o fornecimento à China por diversas vias, todas elas igualmente equacionadas, tanto mais quanto o Irão se encontra sob o efeito de sanções internacionais lideradas pelos EUA:

- Via marítima, contornando o Sudeste asiático

- Via terrestre:

- Através da Ásia central, Turquemenistão, ...
- Através do Afeganistão
- Através do Paquistão
- Através de Myanmar

(b) - Gás do Qatar

Em estudo o trânsito pelo porto paquistanês de Gwadar, no Baluchistão (melhorado com o investimento chinês), seguindo para a China ao longo do Rio Indo pela auto-estrada Karakorum via já denominada *white oil pipeline*.

Esta opção entronca no apoio da RPC ao gasoduto IPI (Irão, Paquistão, Índia) em detrimento do TAPI (Turquemenistão, Afeganistão, Paquistão, Índia).



Gás do Qatar⁹⁵

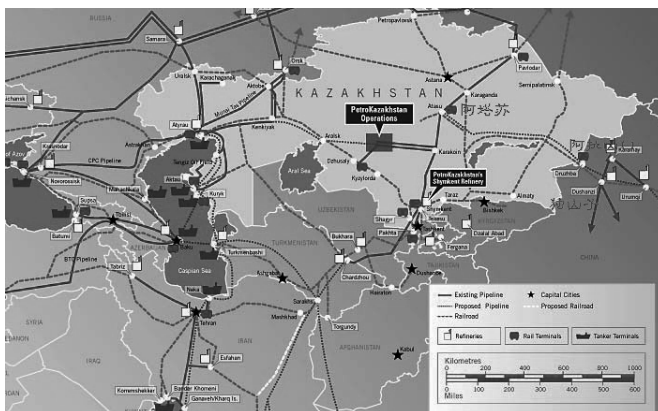
(2) - Da Transcaucásia

O Azerbaijão é um potencial candidato ao fornecimento de energia à China, seja a nível de petróleo, seja a nível de gás, ligando-se aos países da Ásia central no seu trânsito para Leste.

A concretização do projecto transcaspiano poderá facilitar a movimentação de energia através do Cáspio.

⁹⁴ Ver Médio Oriente no NGJE, eixo sul.

⁹⁵ <http://www.chinapage.com/transportation/pipeline/pipeline-qatar.html>



Azerbeijão no extremo da Nova Rota da Seda energética⁹⁶

(3) - Ásia central⁹⁷

A RPC procurou nos produtores energéticos da Ásia central uma alternativa aos fornecimentos russos via Sibéria.

No NGJE estão já em actividade na ligação energética à RPC, o Turquemenistão, Cazaquistão e Uzbequistão.

Referências mais importantes:

(a) - Central Asia-China (CAC) pipeline (gasoduto)

Gasoduto com origem no Turquemenistão, atravessando o Uzbequistão e o Cazaquistão, entrando na China pela província de Xinjiang.



CAC⁹⁸

⁹⁶ <http://www.chinapage.com/map/kazakh-oil-2006.jpg>

⁹⁷ Ver Ásia central no NGJE, eixo leste.

⁹⁸ <http://menasassociates.blogspot.com/2011/09/central-asiachina-pipeline-to-double.html>
<http://www.naturalgasasia.com/new-great-game-in-old-central-asia-3925>

O projecto concretizou-se num prazo record desde o início da sua construção (2005) até o início da sua entrada em actividade (Dezembro de 2009).

O fornecimento de gás à China viria a ser assinado e ratificado em 2007 pelo Cazaquistão e Turquemenistão.⁹⁹

O pipeline tem a extensão de 200 km no Turquemenistão, 550 km no Uzbequistão, 1 300 km no Cazaquistão e 8 000 km na China.

Foi também um marco para a China, pois foi a primeira vez que o gás da Ásia central chegou ao território chinês sem passar pelo território russo. Foi também uma rara oportunidade para a China aumentar a sua visibilidade política na região da velha Rota da Seda.

(b) - Cazaquistão-China (oleoduto)¹⁰⁰

Activo desde 1 de Janeiro de 2006.

(4) - Ásia setentrional¹⁰¹

A Federação russa, através da sua fronteira siberiana com a RPC pode potenciar ao máximo o fornecimento de energia, gás ou petróleo.



Infra-estrutura de gás chinesa e russa

Referências mais importantes:

(a)- E.S.P.O. (East Sibéria Pacific Ocean) oil pipeline



99 <http://www.istockanalyst.com/article/view/StockNews/articleid/3695920>

http://sinomania.blogspot.com/2009_12_01_archive.html

100 Ver Ásia central NGJE, eixo leste

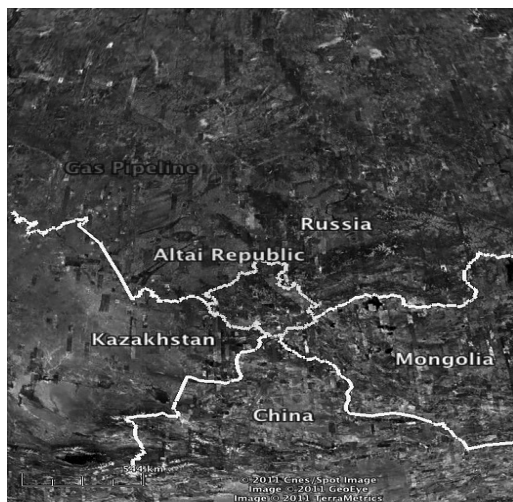
101 Ver Ásia Setentrional, eixo leste

ESPO oleoduto¹⁰²

Pela primeira vez desde os anos 50 e 60 a Rússia forneceu petróleo para o norte da China através de um oleoduto de 2.385 km que levou menos de dezasseis meses a construir (desde Maio de 2009 a Setembro de 2010), entrando em plena actividade em Janeiro de 2011. Tal facto demonstra o elevado significado estratégico que tem para ambas as partes.

(b) - Altai gás pipeline

Protocolo assinado em 2 de Março de 2006 entre a Gazprom e a CNPC, para o fornecimento de gás à RPC.



Altai-China (gasoduto)¹⁰³

Os primeiros fornecimentos estão previstos para 2015 e o contrato é válido por 30 anos.

(c) - Sakhalin – Khabarovsk – Vladivostok (gasoduto)

102 <http://www.telegraph.co.uk/sponsored/russianow/business/8097658/>

[Russia-turning-to-Chinas-huge-energy-thirst.html](http://www.telegraph.co.uk/sponsored/russianow/business/8097658/Russia-turning-to-Chinas-huge-energy-thirst.html);

http://rbth.ru/articles/2010/10/26/slaking_chinas_huge_energy_thirst05060.html;

Opening the Orient: What does the Commissioning of the Russian-Chinese ESPO Pipeline Mean for Europe?

Friday, 07 January 2011 09:13

(http://www.ekemeuroenergy.org/en/index.php?option=com_content&view=article&id=154:opening-the-orient-what-does-the-commissioning-of-the-russian-chinese-espo-pipeline-mean-for-europe&catid=35:analyses&Itemid=57)

103 <http://www.culturalsurvival.org/take-action/russia/2/maps>

<http://www.businessinsider.com/the-15-oil-and-gas-pipelines-changing-the-worlds-strategic-map-2010-3?op=1>

<http://www.gazprom.com/production/projects/pipelines/altai/>

A entrada em actividade deste gasoduto, associado à produção de LNG será mais uma via a explorar pela RPC no seu relacionamento energético com a Rússia.

(5) - Da Ásia meridional

A sede de petróleo revelou em 28 de Dezembro de 2011 um evento que colheu de surpresa os mais diversos analistas e politólogos, a assinatura de um acordo entre a Empresa chinesa CNPC e o governo afegão, com vista à exploração e extracção de petróleo na zona de petróleo do Rio Amu Darya, no norte do Afeganistão, a ter início nos próximos dois anos.¹⁰⁴



Amu Darya, na fronteira norte afegã

(6) - O espaço chinês e o Sudeste asiático a nível energético

As relações entre os dois espaços estão baseadas na complexa questão das reivindicações territoriais de actores de ambos os lados, sobre as Ilhas Spratly no Mar do sul da China e no relacionamento privilegiado da RPC com Myanmar.

- A disputa territorial no Mar do Sul da China¹⁰⁵

Nesta disputa estão presentes reivindicações da RPC, RC e países do Sudeste asiático a que não é a alheia a existência de recursos energéticos.

- O relacionamento RPC-Myanmar

A nível energético, o relacionamento estreito entre os dois países permite à RPC diminuir o trânsito energético pelo Estreito de Malaca, através da construção de pipelines em ligação directa do seu território à Baía de Bengala, no Indico.

China's trans-Myanmar oil and gas pipelines

Pipeline will bring 12 million tonnes of crude oil and 12 billion cubic metres of gas a year into China

Calls pipeline

MYANMAR CHINA VIETNAM

Mandalay Yangon

Shwebo

Thailand

Bay of Bengal

Stations along the corridor

1. Offshore gas production plant

2. Gas terminal

3. Deep-sea port and storage

4. Oil pump station

5. Off-take and Pigging station

6. Gas off-take station

7. Oil off-take and Pigging station

8. Gas off-take station

9. Gas off-take station

10. Oil pump station

11. Gas compression station

104 http://www.vermelho.org.br/go/noticia.php?id_secao=9&id_noticia=172370

<http://english.peopledaily.com.cn/90778/7690732.html#>

105 Ver Sudeste asiático no NGJE

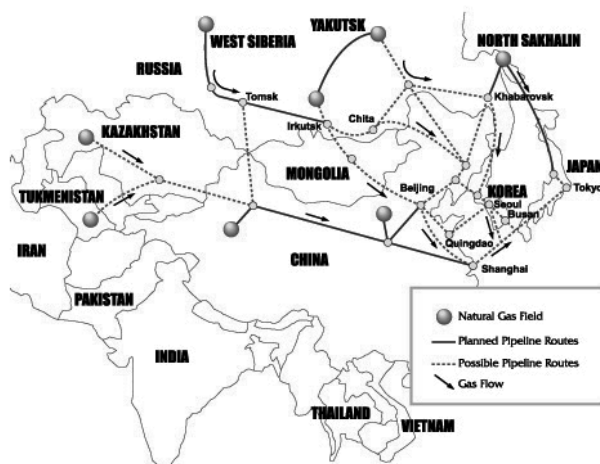
China-Myanmar pipelines¹⁰⁶

Está em curso a realização de um projecto de 2 806 km de extensão de pipelines, com a conclusão prevista para 2013.¹⁰⁷

c. Potencialidades

São consideradas potencialidades numa análise geopolítica, geoeconómica ou geoestratégica o facto das vastas fronteiras terrestres do Espaço chinês, e da RPC em particular, serem contíguas com fornecedores (Federação russa e Cazaquistão) dos recursos energéticos de que necessita, podendo diversificar fornecimentos e diminuir eventuais interferências externas nos seus assuntos internos.

Tem sido notória a capacidade de competição das suas empresas energéticas estatais fora do seu espaço para assegurarem bons contractos de fornecimento e aquisição de energia, a que não é alheia a capacidade de atracção de investimento externo que se verifica no Espaço chinês.



A Rota da seda revisitada pela RPC, quer a nível terrestre, quer a nível marítimo¹⁰⁸

Nas ligações energéticas do Cáspio ao litoral chinês estão também a ser recuperados os patrimónios culturais que consolidaram durante cerca de mil anos a Rota da Seda terrestre, constituindo um factor positivo no inter-relacionamento dos actores asiáticos envolvidos.

Também a segurança energética nesta Rota Energética Terrestre se encontra

106 <http://endthelie.com/2011/06/18/overthrow-inc/#axzz1jKWnCo1T>

107 <http://colouredjournal.blogspot.com/2010/09/bangladesh-riding-dragon.html>

108 <http://www.newsworld.co.kr/cont/0203/45.html>

assegurada através da cooperação SCO-CSTO¹⁰⁹ e a assinatura de uma parceria estratégica entre a RPC e a Federação russa.

As potencialidades da cooperação a nível energético entre Beijing e Taipei estão presentes na cooperação em curso para a exploração de recursos existentes no Estreito da Formosa.¹¹⁰

d. Vulnerabilidades

São vulnerabilidades as que decorrem do longo trajecto marítimo a que os seus meios de transporte estão sujeitos para se abastecerem quer de petróleo, quer de gás (LNG), situação que poderá ainda tornar-se mais crítica no caso de conflito nos pontos de passagem obrigatória (Estreito de Ormuz, Estreito de Malaca, ...).

Carece de instrumentos de segurança todo o percurso marítimo da sua Ex-Rota da Seda.

7. O Nordeste asiático no NGJE

Os atores do nordeste asiático estão totalmente dependentes da energia que recebem do exterior, principalmente do Médio Oriente, a sete mil milhas de distância. A sobrevivência do seu crescimento e/ou desenvolvimento está totalmente dependente da segurança das rotas de gás e petróleo.

Se até ao princípio da década de noventa a via de fornecimento privilegiada era a marítima, através do Estreito de Malaca (caso do Japão e Coreia do Sul), com o fim da guerra fria novas alternativas surgiram no complexo xadrez energético que têm levado a considerar também a via de fornecimento terrestre, com origem no interior do continente asiático (no Mar Cáspio, Ásia central ou Ásia Setentrional).¹¹¹

a. Produção/Consumo

O Nordeste asiático caracteriza-se pela ausência de produção energética de origem fóssil (gás e petróleo).

(1) - Gás

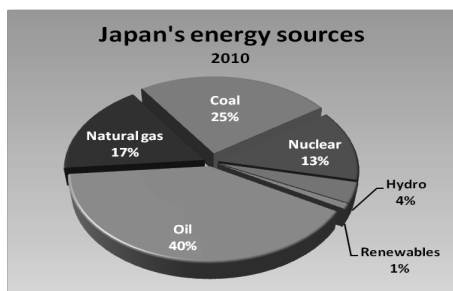
Perante a não ligação a qualquer de rede de pipelines, o Japão e a Coreia do Sul são os maiores importadores de LNG.¹¹²

109 Shanghai Cooperation Organization-Collective Security Treaty Organization.

110 <http://www.energy-pedia.com/news/taiwan/cpc-and-cnooc-in-taiwan-strait-oil-exploration-talks>

111 Ver *Global Energy Strategy toward 2030* in 040428.ppt

112 <http://205.254.135.7/countries/country-data.cfm?fips=JA>



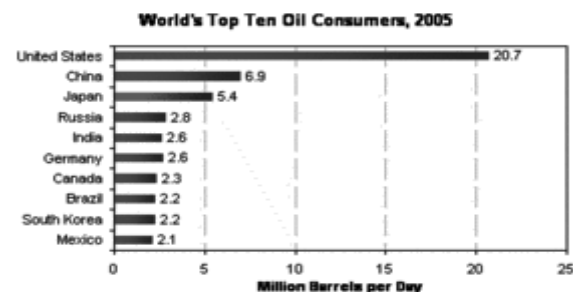
Source: BP Statistical Review of World Energy

Fontes de energia do Japão referentes a 2010¹¹³

(2) - Petróleo

O Japão é o segundo maior importador mundial de petróleo, atrás dos EUA. As ilhas nipônicas não têm petróleo, por isso tem de importar 100% do seu petróleo, a maior parte proveniente do Médio Oriente.

A Quanto à Coreia do Sul é o nono maior país consumidor mundial e o quinto maior importador.



Source: EIA Short Term Energy Outlook (November 2006)

Maiores consumidores mundiais (ref. 2005)¹¹⁴

Os riscos da passagem dos seus petroleiros pelos Estreitos de Ormuz e de Malaca são evidentes pelo que necessitam de diversificar as suas fontes de abastecimento.¹¹⁵

b. Escoamento/fornecimento de energia

Os dois principais actores do Nordeste asiático (Japão e Coreia do Sul) têm

¹¹³ <http://www.arcticgas.gov/Asia-tight-link-between-oil-gas-prices>

¹¹⁴ http://www.eoearth.org/article/Energy_profile_of_Japan

¹¹⁵ <http://205.254.135.7/countries/country-data.cfm?fips=JA>

estado totalmente dependentes dos fornecimentos energéticos que transitam pelo Estreito de Malaca, tendo por fonte principal o Médio Oriente.

Aumentam actualmente as expectativas de fornecimento provenientes da Federação russa (Sibéria e Ilha Sacalina) e do interior asiático, em trânsito pela RPC, inter-relacionando todos os actores do nordeste asiático.

(1) -Do Próximo e Médio Oriente

São fornecedores energéticos dos principais actores do Nordeste asiático os países ligados à OPEP e os produtores de LNG.¹¹⁶

(2) - Da Transcaucásia

O Azerbaijão é um potencial candidato ao fornecimento de energia para o Nordeste asiático, seja a nível de petróleo, seja a nível de gás, ligando-se aos países da Ásia central no seu trânsito para Leste, via RPC.

(3) - Da Ásia central¹¹⁷

São potenciais fornecedores energéticos o Turquemenistão e o Cazaquistão, que já se encontram ligados à RPC no fornecimento de gás e petróleo.

(4) - Da Ásia setentrional¹¹⁸

A ligação do nordeste asiático aos enormes recursos energéticos da Federação russa pode solucionar muitos dos problemas energéticos dos seus principais países, seja a nível de gás, seja a nível de petróleo.



Rússia e a ligação energética à Ásia-Pacífico¹¹⁹

116 Por razões políticas o Irão não está incluído nos fornecimentos ao Japão e Coreia do Sul, apesar de ser o 2º produtor mundial de gás natural.

117 Ver NGJE no espaço chinês, eixo leste.

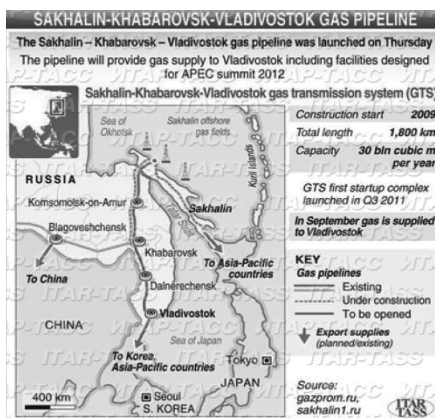
118 Ver NGJE na Ásia setentrional, eixo leste.

119 <http://eng.gazpromquestions.ru/index.php?id=7>

Apesar de não faltarem os projectos de ambas as partes, questões de natureza política ainda continuam a dificultar a sua realização.

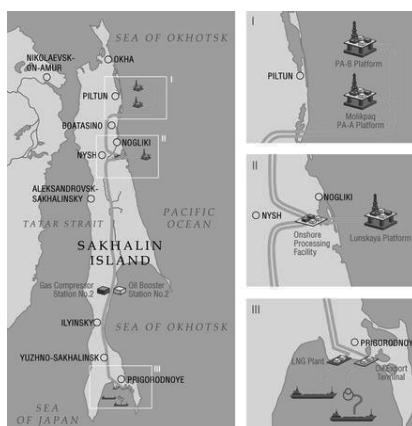
Referências mais importantes:

(a) - Sistema de transmissão de gás Sakhalin - Khabarovsk - Vladivostok
Baseado nas significativas reservas descobertas na região da ilha de Sacalina, o sistema de produção envolve a construção de um pipeline ligado ao continente (através de Vladivostoque) e a produção de LNG.



Sacalina-Vladivostoque gasoduto¹²⁰

O sistema que entrou em actividade em Setembro de 2011 está pronto a alargar a sua influência para toda a área da Ásia-Pacífico, e, em especial, os principais países do Nordeste asiático.



¹²⁰ <http://www.itar-tass.com/en/g44/1087.html>

Projecto Sacalina II¹²¹

Em 2009 mais de metade dos fornecimentos em LNG foram para clientes no Japão e o restante para a Coreia do Sul, RPC e Taiwan.¹²²

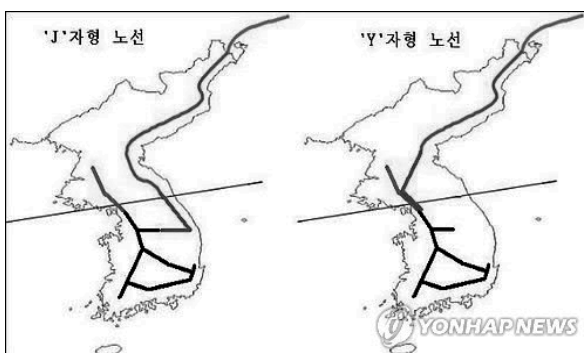
(b) - Rússia- Coreia do Sul gás pipeline

Em Agosto de 2011 o Presidente russo Dmitry Medvedev, confirmou, após contactos com os líderes das duas Coreias que tinham chegado a um acordo para a construção de um gasoduto de ligação da Rússia à Coreia do Sul.



Gasoduto Rússia-Coreia do Sul

A Coreia do norte, que serve de trânsito a este fornecimento de gás, ainda não é considerado um parceiro suficientemente credível



¹²¹ <http://www.ngsms.ru/eng/projects/page531/>

<http://www.gazprom.com/production/projects/pipelines/shvg/>

¹²² Parceiros internacionais da Gazprom responsável pelo projecto Sacalina: Kogas (Coreia do Sul), Mitsui, Mitsubishi Corporation (Japão).

A perspectiva da interrupção de gás para o sul¹²³

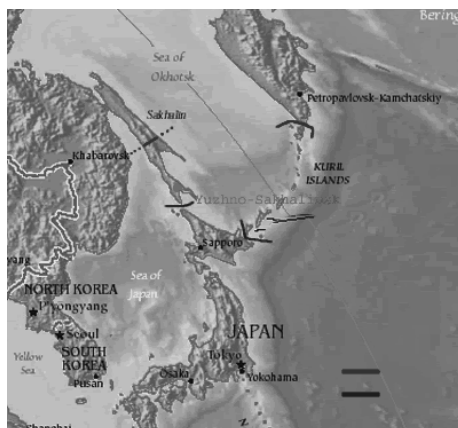
Estão previstos chegar os primeiros fornecimentos à Coreia do Sul em 2017.

As propostas de fornecimento energético da Rússia ao Japão tiveram naturalmente em consideração não só os recursos energéticos siberianos, mas em especial aqueles que se descobriram mais recentemente na vizinha ilha de Sacalina.

The Geopolitics of Energy into the 21st Century, CSIS Strategic Energy Initiative, November 2000, Volume 3, Page 26.

No entanto, um perturbador conflito territorial entre a Federação russa e o Japão sobre a soberania não só da Ilha Sacalina, como também dos territórios do Norte (quatro ilhas do Sul do arquipélago das Curilas) tem impedido uma maior aproximação e o aprofundamento da cooperação a nível da energia.¹²⁵

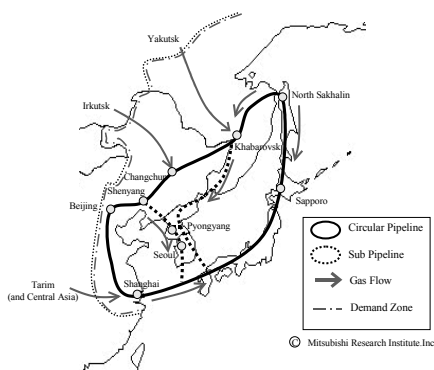
124 http://www.brookings.edu/papers/2001/09globeconomics_hill.aspx



As disputas territoriais nipo-russas no Mar de Okhotsk¹²⁶

(d) - Gasoduto circular (projecto)

O projecto de criação do pipeline circular e do Sub pipeline permite perspectivar um futuro diferente para esta região a nível de integração pela via energética.



Pipeline circular¹²⁷

É um desafio transregional colocado a todos os actores.

c. Potencialidades

São potencialidades dos principais actores do nordeste asiático:

arquipélago das Curilas) ocupados pela URSS no final da II GM.

O Japão continua a manter esta situação de conflito em aberto.

¹²⁶ <http://www.russiablog.org/energy/>

¹²⁷ In Transkorea península pipeline in Asakura.ppt

- A sua ligação directa às rotas marítimas e a capacidade de investimento das suas empresas;
- A proximidade de enormes fontes energéticas localizadas na Sibéria oriental e na região de Sacalina;
- A proximidade da rota do Ártico;
- ...

d. Vulnerabilidades

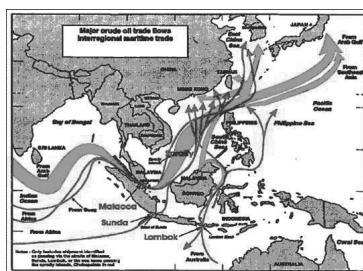
São muitas as vulnerabilidades que se detectam no nordeste asiático a nível energético:

- A sua dependência das importações energéticas e o custo acrescido que as mesmas acarretam pela distância às principais fontes tradicionais de fornecimento (Médio Oriente);
- A insegurança das rotas marítimas de fornecimento energético;
- As situações de conflito que prevalecem no relacionamento intra-regional (Coreia do norte versus Coreia do sul; Coreia do norte versus Japão) e inter-regional (nordeste asiático versus espaço chinês; nordeste asiático versus Ásia setentrional);
- ...

8. O Sudeste asiático no NGJE

O papel do sudeste asiático no Novo Grande Jogo da Energia¹²⁸ é extraordinariamente diversificado, envolvendo a produção, o escoamento e o consumo.

No entanto, é a sua excepional posição geoestratégica, ponte entre o Índico e o Pacífico, zona de passagem obrigatória para os enormes fluxos energéticos dos grandes consumidores da Ásia-Pacífico, que lhe confere maior importância.



128 NGJE Sudeste asiático (In <http://www.eco-business.com/features/growing-energy-demand-key-challenge-for-asean/>)

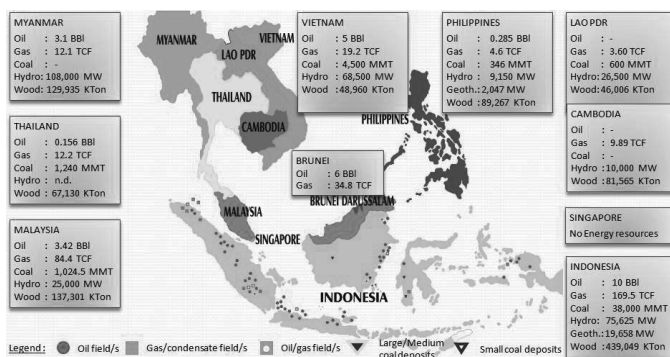
Fluxos energéticos via Sudeste asiático (In balce.ppt)

Rivalizando com o Estreito de Ormuz à saída do Golfo Pérsico, também o Estreito de Malaca é fonte de preocupação, não só devido ao congestionamento do tráfego marítimo, mas por questões de segurança marítima.

a. Produção/Consumo

Não menos importante é o consumo dos atores desta região que aumenta na proporção do seu ritmo de crescimento, não encontrando resposta na região para as suas próprias necessidades.

O Sudeste asiático é uma região com recursos energéticos, especialmente Indonésia¹²⁹, Malásia e Brunei.



Recursos energéticos dos países da ASEAN¹³⁰

Indonésia, Malásia e Brunei são exportadores de crude, mas os outros países têm de importar produtos petrolíferos ou crude.

A Indonésia tem as maiores reservas de petróleo e gás natural.

No Golfo da Tailândia e na Baía de Bengala existem também importantes jazidas energéticas que beneficiam em especial a Tailândia e Burma, respectivamente.

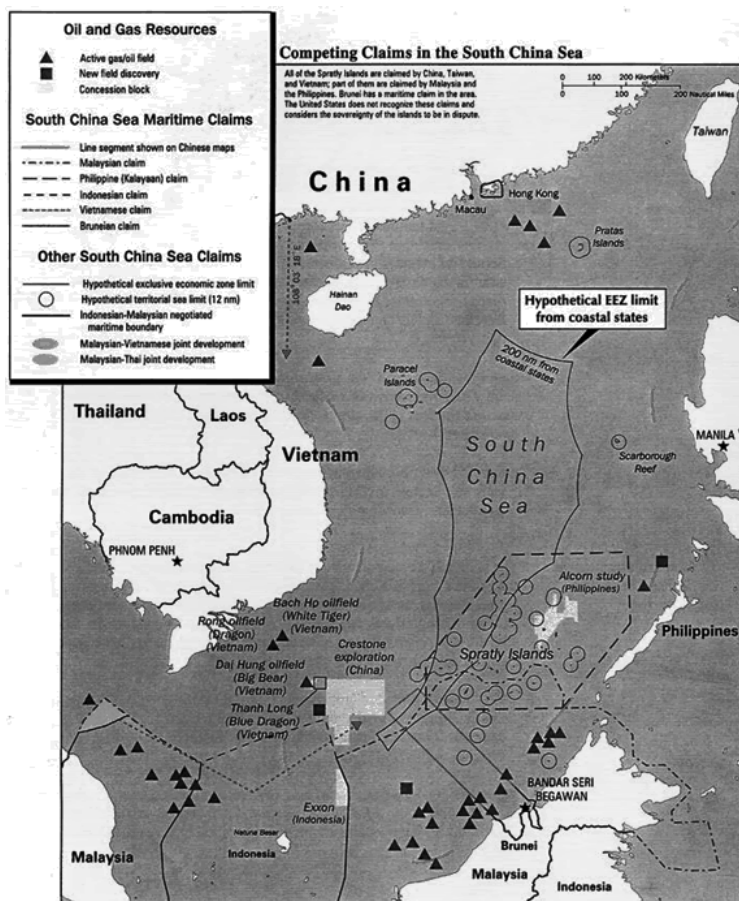
Fora ainda do quadro orgânico da ASEAN encontra-se Timor Leste com significativas reservas energéticas no Mar de Timor.

A exploração do Mar da China meridional rico também em recursos energéticos ainda está na fase inicial a que não são alheias as disputas territoriais entre diversos atores entre os quais a RPC.

¹²⁹ A Indonésia produziu petróleo durante mais de um século e aderiu à OPEP em 1962. No entanto, a procura interna, as reservas em declínio e o alegado fraco registo de investimento nesta indústria acabaram por fazer com que este país asiático se tornasse nos últimos anos num importador de crude.

A OPEP quer preços elevados do petróleo, ao passo que a Indonésia, como importadora, quer que estejam baixos, comentou Subroto, ex-ministro indonésio do Petróleo e antigo secretário-geral do cartel (Setembro de 2008).

¹³⁰ <http://talkenergy.wordpress.com/2011/02/28/energy-situation-in-asean-an-overview/>

Recursos energéticos no Mar do Sul da China¹³¹

Desde 2005 que a China (via China National Offshore Oil Corporation, CNOOC), Filipinas (via The Philippine National Oil Company) e Vietname (via PetroVietnam) têm trabalhado em conjunto fazendo investigações sísmicas numa área de 80 km² incluindo as Ilhas Spratly, com custos partilhados pelas três companhias.

¹³¹ <http://205.254.135.7/countries/regions-topics.cfm?fips=SCS>

| Country | South China Sea | Spratly Islands | Paracel Islands | Gulf of Thailand |
|--------------------|----------------------|-----------------|-----------------|------------------|
| <i>Brunei</i> | UNCLOS | no formal claim | no | n/a |
| <i>Cambodia</i> | not applicable (n/a) | n/a | n/a | UNCLOS |
| <i>China</i> | all | all | all | n/a |
| <i>Indonesia</i> | UNCLOS | no | no | n/a |
| <i>Malaysia</i> | UNCLOS | 3 islands | no | UNCLOS |
| <i>Philippines</i> | significant portions | 8 islands | no | n/a |
| <i>Taiwan</i> | all | all | all | n/a |
| <i>Thailand</i> | n/a | n/a | n/a | UNCLOS |
| <i>Vietnam</i> | all | all | all | UNCLOS |

Reclamações no Mar do Sul da China¹³²
(UNCLOS, United Nations Convention Law of Sea)

Demonstrando uma notável capacidade de integração regional através dos mecanismos da ASEAN e para responder aos desafios de carácter energético do seu próprio crescimento foi criado o Trans-ASEAN Gás Pipeline (TAGP).



TAGP¹³³

O projecto, actualizado em 2000, tem como objectivo a concretização de uma malha intra-regional de gasodutos até 2020, numa extensão de 4.500 km, reunindo todos os membros da ASEAN.¹³⁴

b. Escoamento/fornecimento energético

¹³² <http://205.254.135.7/countries/regions-topics.cfm?fips=SCS>

¹³³ <http://talkenergy.wordpress.com/2011/09/16/asean-economic-community-2015-integration-of-energy-infrastructure/>
<http://theenergycollective.com/benisuryadi/65418/asean-economic-community-2015-integration-energy-infrastructure>

¹³⁴ Em 2008 já estavam criados 2.300 km de gasodutos.

Passam pelos principais estreitos do Sudeste asiático (Malaca, Sunda e Lombok) os grandes fluxos energéticos vindos do Médio Oriente em trânsito para a Ásia Pacífico, especialmente com destino à Ásia oriental.

A segurança do escoamento da energia que produz, aquela que importa e aquela que passa pela região assume uma importância cada vez maior, em virtude das vulnerabilidades da passagem pelos principais Estreitos.

(1) - Do Próximo e Médio Oriente¹³⁵

São fornecedores energéticos dos principais actores do Sudeste asiático os países do Médio Oriente ligados à OPEP e os produtores de LNG.

(2) - Da Transcaucásia¹³⁶

O Azerbaijão é um potencial candidato ao fornecimento de energia para o Sudeste asiático, seja a nível de petróleo, seja a nível de gás (via Canal de Suez ou Golfo Pérsico).

(3) - Da Ásia central¹³⁷

São potenciais fornecedores energéticos o Turquemenistão e o Cazaquistão, que já se encontram ligados à Ásia-Pacífico via RPC no fornecimento de gás e petróleo.

No eixo meridional de escoamento de energia da Ásia central para o Índico (via Golfo Pérsico, Irão, Afeganistão, Paquistão e Índia) também se podem colocar iguais expectativas.

(4) - Da Ásia setentrional¹³⁸

Como principal fornecedora energética no NGJE, a Federação russa também oferece ao Sudeste asiático condições de acesso às suas fontes de produção no Extremo oriente siberiano (via Vladivostoque) e, em especial às suas reservas na Ilha de Sacalina (petróleo e LNG).

Da Federação russa pode chegar ao Sudeste asiático não só a sua própria energia como também os seus próprios investimentos via Gazprom.

(5) - Do Espaço chinês¹³⁹

A importância do relacionamento do Sudeste asiático com o Espaço chinês, no âmbito energético, está relacionada com:

- a localização dos Estreitos de Malaca, Sonda e Lombok, pontos de passagem obrigatória do Índico para o Pacífico;
- a questão das disputas pelos recursos do Mar do sul da China;

135 Ver Próximo e Médio Oriente, eixo sul.

136 Ver Transcaucásia no NGJE, eixo sul.

137 Ver Ásia central no NGJE, eixos leste e sul.

138 Ver Ásia setentrional, eixo leste e Sudeste asiático.

139 Ver Espaço chinês no NGJE, ligação ao Sudeste asiático.

- a construção de pipelines, via Myanmar, para a RPC.

c. Potencialidades

São potencialidades do Sudeste asiático no âmbito do desafio energético:

- a sua importância geoestratégica;
- a existência desde 1967 da ASEAN com uma dinâmica muito sui generis, não só a nível regional, mas também transregional (modelo denominado aleanização), responsável pela concretização até 2020 do Trans-ASEAN gás Pipeline (TAGP), adentro da realização da AEC (Asean Economic Community) até 2015;
- a existência de reservas energéticas, algumas ainda dependentes de reclamações territoriais (mar do sul da China);
- o recurso ao LNG como forma de garantir a diversificação do fornecimento energético, ajustando-o à realidade geográfica do Sudeste asiático marítimo, insular;
- ...

d. Vulnerabilidades

São vulnerabilidades do Sudeste asiático a nível energético:

- a sua incapacidade de garantir a segurança do tráfego marítimo pejado de incidentes de pirataria;
- a carência de investimentos para as infra-estruturas do TAGP;
- a persistência de reclamações territoriais em áreas com potencialidades energéticas (Mar do Sul da China);
- ...

9. A Ásia meridional no NGJE

A importância da Ásia meridional no Novo Grande Jogo da Energia deriva do seu crescente envolvimento a nível de consumo para satisfazer as necessidades do seu galopante crescimento económico, em especial da Índia.¹⁴⁰

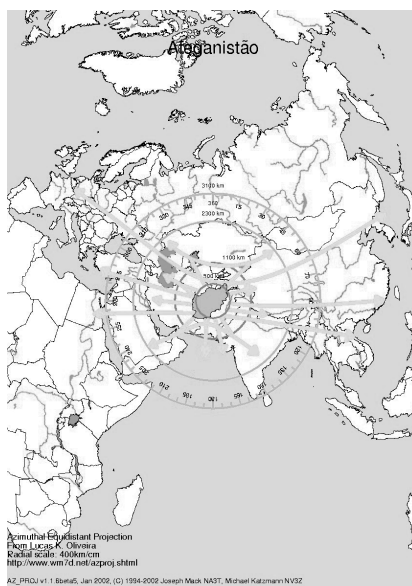
Para aqui se orienta actualmente o eixo sul do NGJE, nas suas diversas formas.

A problemática da dependência do fornecimento de energia assume especial acuidade na Ásia meridional, pois para além do tradicional fornecimento de energia do Médio Oriente, via marítima, novas alternativas têm vindo a ser

140 GAS PIPELINE PROJECTS IN SOUTH ASIA EDITOR DR NOOR UL HAQ ASSISTANT EDITOR ASIFA HASAN
(<http://ipripak.org/factfiles/ff64.pdf>)

equacionadas após o fim da guerra fria, explorando o fornecimento via terrestre, via construção de pipelines ou gasodutos provenientes da Ásia central ou do Mar Cáspio, com passagem obrigatória pelo Afeganistão e Paquistão até chegarem à Índia (Projecto do TAPI para entrar em funcionamento em 2014) ou com origem no Irão, com passagem pelo Paquistão.

Apesar de todos os actores meridionais se encontrarem integrados na Associação de Cooperação Regional da Ásia do Sul, as suas relações estão longe de seguir o modelo de integração e pacificação daquele verificado em torno da ASEAN, a que não são alheios os conflitos de Jammu Caxemira (Índia e Paquistão), da Linha Durand (Paquistão e Afeganistão) e do Afeganistão.



Afeganistão, retomando o seu papel histórico no NGJE¹⁴¹

O Afeganistão, que no passado identificou o significado do Grande Jogo, no presente continua a ser ponto de passagem obrigatória para uma nova arquitectura inter-regional, na qual é valorizada a importância geopolítica e geoestratégica do seu território para o escoamento da energia da Ásia Central¹⁴², para a Ásia meridional.

141 <http://geopoliticaopetroleo.wordpress.com/2010/08/13/geopolitica-da-asia-central-das-disputas-tradicionais-aos-projetos-de-integracao-regional/novas-rotas-da-seda-o-afeganistao-na-encruzilhada-do-mundo-3/>

<http://blogofbao.wordpress.com/category/guerre/>

http://bengalunderattack.blogspot.com/2010_05_01_archive.html

142 Le Grand Échiquier d'Asie Centrale

Publié dans AfPak, Asie Centrale, États-Unis, Chine, Géopolitique, Géostratégie, Guerre, Guerre contre le Terrorisme, International par Bao le 27 février 2010 par Saïd Ahmiri (<http://blogofbao.wordpress.com/category/guerre/>)

a. Produção/Consumo

A Ásia meridional, com um quinto da população mundial, é extraordinariamente carente de recursos energéticos, quer a nível de gás, quer de petróleo.

É total a sua dependência das importações, quer dos produtores da OPEP, quer de todos aqueles que orbitam no NGJE da Ásia.

(1) - Gás

São extremamente reduzidas as percentagens a nível mundial das reservas de gás dos oito países da Ásia meridional¹⁴³:

- Afeganistão: 0,03%;
- Bangladesh: 0,22%;
- Índia: 0,61%;
- Paquistão: 0,45%.

(2)- Petróleo¹⁴⁴

As reservas de petróleo reduzem-se a dois países:

- Índia: 0,43%;
- Paquistão: 0,02%.

Por isso as percentagens de importações são elevadíssimas:

- Afeganistão: 100%;
- Bangladesh: 94%;
- Butão: 100%;
- Índia: 69%;
- Maldivas: 100%;
- Nepal: 100%;
- Paquistão: 80%;
- Sri Lanka: 100%.

b. Escoamento/fornecimento

(1) - Do Próximo e Médio Oriente¹⁴⁵

São fornecedores energéticos dos principais actores da Ásia meridional, os países do Médio Oriente ligados à OPEP e os produtores de gás natural e de LNG (Irão, Qatar e Oman).

(a) - Via Irão

Com a descoberta das segundas reservas mundiais de gás no próprio

143 Source: *Oil & Gas Journal*, Energy Information Administration, BP Statistical Review of World Energy – Junho 2008 (http://www.sari-energy.org/Energy_Security_Quarterlies/ESQ1_January_08.pdf)

144 Idem, ibidem.

145 Ver Próximo e Médio Oriente, eixo sul.

Golfo Pérsico, o Irão está em boas condições de oferecer o seu gás (via gasoduto) ou LNG aos países da Ásia meridional, competindo com outros projectos, em especial o TAPI apoiado pelos EUA. A prolongada situação de conflito Irão-EUA, agravado com a opção nuclear iraniana, confere à competição energética na Ásia meridional, uma nova dimensão na escalada do conflito.

Referências mais importantes:

- Irão-Paquistão-Índia gasoduto (IPI)

O IPI, também denominado gasoduto da paz, com uma extensão de 2 775 km foi projectado para fornecer gás de South Pars, na parte iraniana do Golfo Pérsico, atravessando o Irão (1 100 km), Paquistão (Via Balochistão e Sindh. Em Khuzdar, um ramo seguiria para Karachi, enquanto o pipeline principal seguiria para Multan, a partir do qual poderia ser estendido à Índia).

A sua concepção data de 1993.



IPI¹⁴⁶

Os EUA nunca esconderam a sua oposição ao fornecimento de gás ao Paquistão pelo Irão, procurando que aquele encontrasse outras alternativas nomeadamente as implícitas no TAPI. Em Janeiro de 2010 ofereceram-lhe ainda a possibilidade de prestarem assistência na construção de um terminal de LNG e na importação de electricidade do Tajiquistão, através do corredor afegão de Wakhan.

Desde início, a pressão dos EUA, englobando também a Índia, visava o abandono do programa nuclear por parte do Irão.

No entanto, o Irão, numa corrida contra o tempo e de acordo com os compromissos assumidos com o Paquistão, anunciou em 12 de Abril de 2010 que já tinha construído 1000 km dos 1 100 previstos para o IPI em solo iraniano, perspectivando o final de 2011, para a sua conclusão¹⁴⁷.

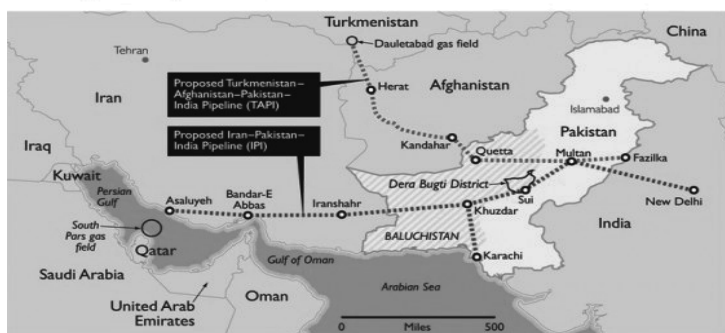
¹⁴⁶ <http://tapister.wordpress.com/2011/11/25/the-politics-of-gas-pipelines-in-asia/>

¹⁴⁷ Na ocasião o Embaixador iraniano para o Paquistão declarou: Iran has done her job and it now depends on Pakistan.

A desistência da Índia¹⁴⁸ não afectou a continuação do cumprimento do programa do gasoduto, reduzido ao âmbito dos dois países.

Em Julho de 2011, já com a parte iraniana concluída, o Ministro paquistanês para o petróleo e recursos naturais anunciou que o seu país iria começar os seus trabalhos de construção do gasoduto no prazo de seis meses, alimentando a expectativa de apoiar ambos os projectos, TAPI e IP (Irão-Paquistão).

Two Proposed Pipelines in South Asia



Map 1 • B 2139 heritage.org

TAPI versus IPI¹⁴⁹

À semelhança do TAPI, também o IP(I) tem a sua inauguração prevista para 2014.

(b) - Via Qatar

- Gulf-South Asia Gas Project (GUSA)¹⁵⁰



GUSA

¹⁴⁸ Com contrapartidas por parte dos EUA a nível da cooperação a nível de energia nuclear e o levantamento das sanções impostas pelo Congresso como resultado do teste nuclear realizado pela Índia em 1998.

¹⁴⁹ http://en.wikipedia.org/wiki/Iran-Pakistan-India_gas_pipeline_IPI/TAPI

<http://www.greenprophet.com/2011/10/iran-pakistan-peace-pipeline/>

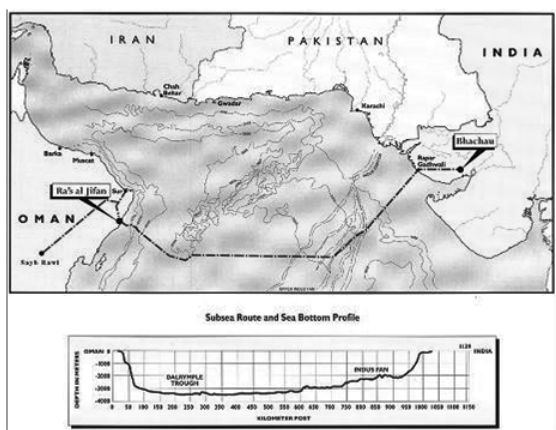
¹⁵⁰ <http://www.crescent.ae/html/gusa.html>

<http://www.chinapage.com/transportation/pipeline/pipeline-qatar.html>

Até Gwadar um pipeline submarino de 1186 km. A partir de Gwadar existem projectos para o escoamento da energia para o Paquistão, Índia e ... China.

(c) - Via Oman

Estudo de um projecto de ligação directa de Oman à Índia.



A vantagem para a Índia da energia fluir directamente para o seu território, não dependendo de outros actores para o seu escoamento.¹⁵¹

(2) - Da Transcaucásia¹⁵²

O Azerbaijão é um potencial candidato ao fornecimento de energia para a Ásia meridional, seja a nível de petróleo, seja a nível de gás.

(3) - Da Ásia central¹⁵³

Os fornecedores energéticos da Ásia central, como países encravados, só têm duas possibilidades de atingir a Ásia meridional por duas vias inter-relacionadas:

- através do Afeganistão (continuando depois pelo Paquistão, até chegar à Índia);
- através do Irão (continuando depois via terrestre ou via marítima).

Quer num caso, quer noutro, tão importante como a disponibilidade de reservas energéticas na Ásia central é a situação de conflito que em ambas as vias poderá dificultar a sua exploração.

(a) - A via afegã

Explora a contiguidade do Afeganistão com a Ásia central produtora de gás (Turquemenistão e Uzbequistão)

151 <http://www.defence.pk/forums/strategic-geopolitical-issues/135478-iran-will-provide-gas-china-through-pakistan-2.html>

152 Ver Transcaucásia, eixo sul ou eixo oeste (neste caso via Suez).

153 Ver Ásia central, eixo sul.

Referências mais importantes:

- Trans-afeganistão-pipeline (TAP)

Tem a sua origem na Empresa californiana Unocal, interessada no Afeganistão desde 1993, oferecendo o seu apoio aos Taliban durante a guerra civil contra a Aliança do Norte.

O projecto foi abandonado em 1998 face às reservas de Washington em relação ao novo regime de Cabul.

- Turquemenistão-Afeganistão-Paquistão gasoduto (TAP)

Após o 11 de Setembro de 2001 o TAP foi reactivado adentro de uma estratégia de pacificação e consolidação da situação afegã adentro da luta contra o terrorismo, contemplando dois terminais, o paquistanês e o indiano:



TAP¹⁵⁴

- Turquemenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia gasoduto (TAPI)

O gasoduto de 1 680km segue a antiga rota comercial da Ásia central para o sul da Ásia, do Turquemenistão a Fazilka, na Índia.

O acordo entre os quatro países foi assinado em 11 de Dezembro de 2010, fazendo parte da estratégia dos EUA para a Ásia central.

154 <http://mariangelaberquo.blogspot.com/2011/07/afeganistao-galinha-esqualida-mas-de.html>
<http://blogofbao.wordpress.com/category/guerre/>

TAPI¹⁵⁵

O TAPI tem garantido o financiamento do Asian Development Bank, com sede em Manila, ainda que os maiores apoios venham dos EUA e do Japão. Os seus membros incluem vários países com tropas no Afeganistão.

O projecto TAPI deverá estar concluído em 2014 coincidindo com o fim da intervenção militar da ISAF.

(b) - A via iraniana

Entronca na contiguidade do Turquemenistão com o Irão e na possibilidade da diversificação do escoamento na fase seguinte via marítima (através do Golfo Pérsico) ou via terrestre (ligando-se ao IPI).

(4) - Da Ásia setentrional¹⁵⁶

Como principal fornecedora energética no NGJE, a Federação russa também pode oferecer à Ásia meridional condições de acesso às suas fontes de produção na Sibéria ocidental e central (via Ásia central) e no Extremo oriente (via Vladivostoque) e, em especial às suas reservas na Ilha de Sacalina (petróleo e LNG).

Da Federação russa pode chegar não só a sua energia como também os seus próprios investimentos via Gazprom.¹⁵⁷

155 http://axisoflogic.com/artman/publish/Article_61707.shtml

<http://www.twf.org/News/Y2010/1213-TAPI.html>

<http://www.businessinsider.com/the-15-oil-and-gas-pipelines-changing-the-worlds-strategic-map-2010-3?op=1>

156 Ver Ásia setentrional, eixo sul.

157 Desde Outubro de 2000 a Gazprom tem celebrado contratos com o governo indiano para a prospecção de gás e petróleo na Baía de Bengala.

(<http://eng.gazpromquestions.ru/?id=2#c540>)

(5) - Do Espaço chinês¹⁵⁸

A Ásia meridional ao não actuar de forma integrada a nível da sua política energética, ao contrário do que sucede com os países do Sudeste asiático, permite aos seus actores diversificar o seu relacionamento energético como sucedeu com a assinatura em 28 de Dezembro de 2011 de um acordo entre a Empresa chinesa CNPC e o governo afegão, com vista à exploração e extracção de petróleo na zona de petróleo do Rio Amu Darya, no norte do Afeganistão, a ter início nos dois anos seguintes.

c. Potencialidades

São consideradas potencialidades na Ásia meridional:

- o seu dinamismo económico, com a Índia como motor de toda a região;
- a relativa proximidade das principais fontes energéticas do Médio Oriente;
- desenvolvimento dos recursos regionais por forma atenuar a dependência do exterior;
- a sua ligação a outros espaços asiáticos, nomeadamente o look east da Índia¹⁵⁹;
- ...

d. Vulnerabilidades

A Ásia meridional apresenta as seguintes vulnerabilidades:

- apesar de ter todos os seus actores reunidos na SAARC (South Asia Association for Regional Cooperation) carece de políticas energéticas regionais o que torna os seus actores isolados mais dependentes de influências externas;
- grande dependência das fontes de energia, especialmente de petróleo, da volatilidade e riscos dos preços da energia;
- carência de políticas regionais energéticas;
- incertezas políticas no relacionamento entre países;
- influência das crises no Médio Oriente, quer a nível económico, quer a nível da emigração sul-asiática;
- ...

¹⁵⁸ Ver NGJE, espaço chinês, Ásia meridional.

¹⁵⁹ <http://www.vifindia.org/article/2011/september/16/Revitalising-India-s-Look-East-Policy>

Conclusões

O NGJE insere-se no quadro de uma nova conjuntura internacional na qual os principais actores manifestam os seus potenciais de conflito e cooperação, com consequências a nível regional e global.

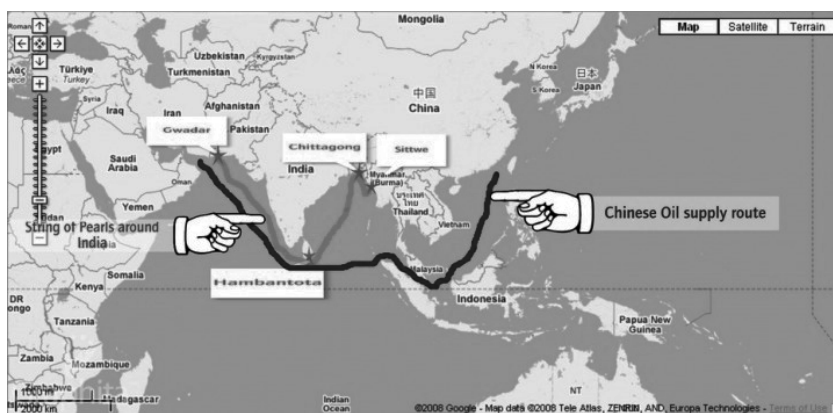
1. Conjuntura internacional

O NGJE é fruto da nova conjuntura internacional que emerge com o fim da guerra fria. A oferta de energia até então centrada no Médio Oriente (via OPEP) deslocaliza-se também para o Cáspio e para o centro da Ásia, em virtude dos vazios de poder criados com a dissolução da União Soviética e a independência de novos actores, produtores de energia.

Por outro lado o NGJE confirma a existência de dois grandes sorvedouros de energia, o da Ásia oriental centrado na China e o da Ásia meridional, centrado na Índia.

Através do NGJE descortinam-se as mudanças que estão a ocorrer no sistema internacional e na Ásia em particular:

- aumento da concentração de poder na Ásia-Pacífico, em detrimento da Europa e dos EUA;¹⁶⁰
- a competição sino-indiana;



Competição sino-indiana¹⁶¹

- a procura de novos alinhamentos geopolíticos ou geoestratégicos em consonância directa ou indirecta com as mudanças de interesses dos principais actores (caso das ex-Repúblicas soviéticas);
- as iniciativas norte-americanas, apoiadas pela UE e Israel, de contenção de

¹⁶⁰ http://newasiaforum.org/News_January2005.htm#twentyfirstcenturytobelongtoasia

¹⁶¹ <http://blogofbao.wordpress.com/category/guerre/>

- iniciativas russas, chinesas e iranianas e, de aproximação à Índia;
- as iniciativas russas de recuperação do espaço de influência soviético no Cáspio e Ásia central;
- as iniciativas chinesas de garantir o acesso terrestre às novas fontes energéticas;
- as iniciativas indianas de favorecer a opção norte-americana em relação à opção do TAPI;
- as iniciativas iranianas de contrariar a pressão internacional e em especial a norte-americana, liderando um vasto quadro de sanções onusianas;
- o reforço da posição geopolítica e geoestratégica da Turquia;
- a pretensão do Irão a potência regional;
- ...

2. Actores

É vasto e muito diversificado o número e qualidade dos actores em presença no NGJE, em especial aqueles que se encontram na Linha da Frente. Aquém dessa linha encontram-se naturalmente todos os restantes actores do sistema internacional, governamentais e não-governamentais, para quem o objecto do Grande Jogo não é indiferente, a Energia, sobre a qual tem repousado o modelo de desenvolvimento e crescimento económico da Humanidade após a Revolução Industrial e a sobrevivência dos próprios actores. Por isso, os mecanismos de *soft power* e *hard power* estão prontos para entrar em acção, graduados de acordo com a evolução do próprio Jogo.

a. EUA

As iniciativas dos EUA enquadram-se no seguimento de políticas já afirmadas e praticadas durante a guerra fria:

The Middle East, site of most of the world's oil, is of vital interest to the United States. With the Carter Doctrine of 1980, Washington affirmed that it will use military force, if necessary, to defend its national interests in the region. The Middle East, Turkmenistan and Afghanistan all fall within the military umbrella of U.S. Central Command. U.S. military bases in Afghanistan provide a bridgehead close to the region's energy resources.

Canada and other donors are being supportive. At the donors' conference in Kabul in July, participants agreed to promote integrated regional infrastructure projects. Within the Afghanistan National Development Strategy, that includes plans for a natural gas pipeline from Turkmenistan through Afghanistan to Pakistan and India (TAPI). This pipeline has been promoted by the U.S. since the mid-1990s.

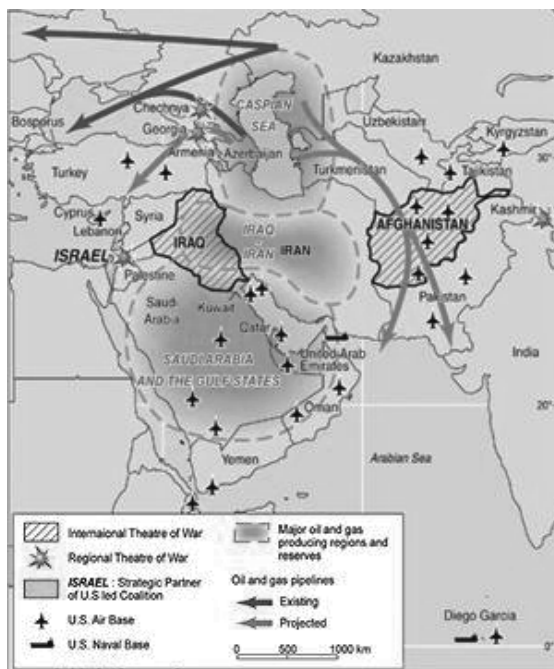
Pipelines are more than commercial ventures. They are geopolitically important because they connect trading partners, and influence the regional balance of power. Turkmenistan's natural gas can only get to market through pipelines. The Russians have a pipeline north to connect with a network serving Europe. The Chinese have a pipeline east, connecting with their network and going all the way to Shanghai. The U.S. and

*European Union are moving to gain access or control. Former U.S. national security adviser Zbigniew Brzezinski called such geopolitical jockeying the grand chessboard.*¹⁶²

A manutenção da posição de liderança dos EUA no sistema internacional, depende cada vez mais do acesso e controle das fontes de energia espalhadas pelo Mundo, mas em especial das maiores jazidas do Médio Oriente e sobretudo da região do Golfo Pérsico.

O sorvedouro de energia por parte dos países emergentes entretanto verificado veio colocar um verdadeiro desafio aos EUA face ao previsível esgotamento das reservas energéticas.

A emergência da China e a recuperação progressiva da Rússia veio exigir mais protagonismo e mais *hard power* por parte dos EUA, verificado na alteração do seu dispositivo para a Ásia e para a elipse estratégica em particular.



O teatro de Guerra no Oriente Médio

Fonte: *Centre for Research on Globalisation*¹⁶³

As concepções geopolíticas de Mackinder são recuperadas, com a necessidade de controle e domínio do heartland.

¹⁶² <http://www.theglobeandmail.com/news/opinions/the-disconnect-between-pipelines-and-transparency/article1694258/print/>

¹⁶³ <http://www.espacoacademico.com.br/090/90bandeira.htm>

b. UE

A União Europeia tem a sua própria política energética (projecto Nabucco, como exemplo) ainda que não possa dispensar no domínio da segurança, a sua ligação privilegiada com os EUA.

Fundamentalmente, procura a diversificação de fornecimentos evitando ficar dependente da preponderância de uma única fonte (caso do gás russo).

c. Federação Russa

As iniciativas russas estão relacionadas com a mais-valia que as suas reservas energéticas representam, em especial no espaço euro-asiático, permitindo-lhe assumir um maior protagonismo no sistema internacional.

A Federação Russa, que se encontra numa situação de privilégio no xadrez energético, quer continuar a afirmar-se, esgrimindo vantagens que derivam da sua presença recente nas regiões em disputa (Transcaucásia e Ásia central) e da existência de estruturas económicas para as quais não se apresentam alternativas imediatas.

A Federação Russa é o actor melhor colocado no complexo Novo Grande Jogo da Energia, podendo estar presente em todos os eixos de produção e escoamento energéticos, daí retirando evidentes dividendos políticos.¹⁶⁴

d. RPChina

As iniciativas chinesas enquadram-se nas expectativas de se afirmar e consolidar como poder emergente, tentando recuperar a antiga ideia de Centro do Mundo ou Poder do Centro (中国, Zhong guo).

A procura de ligações terrestres sob a forma de construção de gasodutos ou oleodutos (na direcção do Cáspio, via Ásia central; na direcção da Ásia setentrional, via Federação russa; na direcção da Ásia meridional, via Afeganistão ou Paquistão; na direcção do Sudeste asiático, via Myanmar), é a resposta às vulnerabilidades do seu trânsito energético pelos Estreitos de Malaca e de Ormuz.

A estabilidade internacional é essencial, tanto mais quanto o seu poder naval não garante a segurança dos seus fornecimentos energéticos.

e. Índia

As iniciativas indianas, que têm também em consideração as suas enormes carências energéticas, balançam entre a procura de soluções energéticas pan-asiáticas e o alinhamento com os EUA, nomeadamente na contenção das iniciativas energéticas do Irão para a Ásia meridional.

f. Irão

¹⁶⁴ Países europeus têm acusado Moscovo de usar a energia como instrumento político, como arma. Moscovo replica falando de mútua responsabilidade na cadeia energética, gás, petróleo e nuclear. Ver: <http://japanfocus.org/-Leonid-Petrov/2835>

O Irão encontra-se enredado no NGJE numa posição de hostilidade em relação aos EUA e Israel, tendo a sua génese na implantação do regime islâmico em 1979, passando pela opção nuclear, apresentada como sendo pacífica, objecto de sucessivas sanções internacionais cada vez mais gravosas.

A aposta na sobrevivência do regime surge tão fundamentalista quanto o seu radicalismo em relação à existência do estado de Israel.

g. Turquia

Ao oferecer o seu território para o trânsito energético de gás e petróleo do Cáspio e Ásia central para o Mediterrâneo, evitando a estreitíssima passagem do Bósforo, a Turquia tornou-se um dos grandes vencedores do NGJE, apesar da sua fraca produção energética.

h. Afeganistão

Continua a ser reservado um papel especial ao Afeganistão no NGJE à semelhança do que já tinha acontecido no século XIX. A sua posição geográfica e o facto de poder ser uma rota de escoamento energético do Cáspio ou da Ásia central, para sul, tornam este país um elemento muito importante na estratégia global da gestão e controle dos recursos energéticos.

3. O NGJE como potencial de conflito

As posições dos principais actores no NGJE encerram um potencial de conflito que legitimam alguns analistas a defender que já nos encontramos na antecâmara da Terceira guerra mundial, na teia de um conflito político global que reúne circunstancialmente numa competição flexível Rússia-China-Irão versus EUA-UE-Israel-GCC (Gulf Cooperation Council), assente em algumas heranças não sublimadas da guerra fria tais como o conflito israelo-palestiniano e a própria dissolução da URSS.



Oil Pipelines of Central Asia and Caucasus¹⁶⁵

165 Lenin's Epitaph: Lessons from the Russia - Georgia War

<http://leftwrite.wordpress.com/2008/08/19/lenins-epitaph-lessons-from-the-russia-georgia-war/>

A intervenção norte-americana no Iraque, a intervenção internacional no Afeganistão, a guerra entre a Geórgia e a Rússia seriam as demonstrações da existência da aplicação do hard power, tendo por justificação razões de controle de recursos energéticos ou o seu escoamento.



Global Zone of percolating violence¹⁶⁶

Envolve uma zona que se sobrepõe à elipse energética, denominada Global Zone of percolating violence.

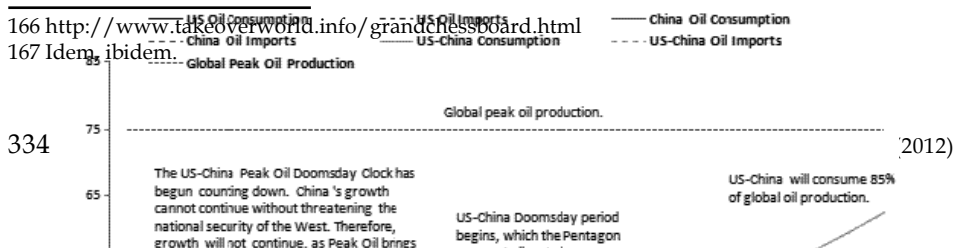
*So expect even more feverish moves by the angel of history. Eurasian actors Turkey, Iran, Russia and China will be ever more active in the Mediterranean and Central Asia - the key geostrategic battleground in a 21st century New Great Game that might even be pitting Washington against Eurasia itself.*¹⁶⁷

A inevitabilidade de um conflito entre os principais actores está relacionada também com a previsão da chegada do peak oil, ano de 2012, data a partir da qual se prevê que a energia petrolífera comece a sua trajetória descendente.

U.S. and China: Oil Consumption and Imports

166 <http://www.takeoverworld.info/grandchessboard.html>

167 Idem, ibidem.



Influência do peak oil nos cenários de conflito¹⁶⁸

Os jogos de guerra em curso, sob a forma de ameaças (exportações energéticas iranianas, trânsito no Estreito de Ormuz) ou de manobras militares (iranianas, norte-americanas, russas e israelitas) alimentam a perspectiva de evolução violenta do conflito.¹⁶⁹

4. O NGJE como potencial de cooperação

O NGJE encerra também um significativo potencial de cooperação que deriva da análise e comportamento dos actores, mais pacífica e pragmática que conflituosa. Decorre fundamentalmente da percepção de desafios que sendo globais, exigem respostas concertadas também globais, antecâmara para as mais alargadas formas de cooperação ou parcerias globais.

Alguns destes desafios globais potenciadores da cooperação internacional são: a criação de redes energéticas (regionais ou inter-regionais), a segurança energética e o esgotamento das reservas fósseis (procura de energias alternativas).

- Redes energéticas

Autênticos túneis de infiltração que não conhecem barreiras, as vastíssimas redes de pipelines energéticos constituem os maiores veículos de interdependência entre os actores.

A criação de redes energéticas anda a par do regionalismo, passando a um âmbito inter-regional ou transregional, devido à distância, a que na maior parte dos casos se encontram as fontes de produção. Também como já se verifica em algumas redes de escoamento, verifica-se a utilização de várias fontes energéticas para alimentar o caudal de escoamento energético (O projecto Nabucco prevê cinco fontes de produção).

Quer num caso, quer noutro, a nota dominante é a complementaridade dos

168 <http://www.oftwominds.com/blogoct10/great-game10-10.html>

169 Estreito de Ormuz, jogos de guerra

<http://www.payvand.com/news/12/jan/1058.html>

Caso de bloqueio

<http://portuguese.ruvr.ru/2012/01/07/63493782.html>

Manobras EUA-Israel

<http://portuguese.ruvr.ru/2012/01/07/63459282.html>

Irão anuncia novos exercícios em Fevereiro

<http://portuguese.ruvr.ru/2012/01/06/63457019.html>

Manobras russas no Mediterrâneo

<http://portuguese.ruvr.ru/2012/01/02/63305306.html>

Emirats : un oléoduc pour éviter le détroit d'Ormuz, bientôt opérationnel

<http://www.egaliteetreconciliation.fr/Emirats-un-oleoduc-pour-eviter-le-detroit-d-Ormuz-bientot-operationnel-9888.html>

actores, condição *sine qua non* de uma cooperação internacional, como se verifica em diferentes espaços: no espaço chinês a cooperação entre a RPC e a RC para a exploração energética no Estreito da Formosa; no Nordeste asiático, em ligação com o Espaço chinês, tendo como fonte principal de fornecimento energético a Federação russa, é um bom exemplo da cooperação via energia (A própria península coreana dividida pelo paralelo 38 passa pela perspectiva de união através de um gasoduto proveniente da Federação russa); no Sudeste asiático com a criação de uma Rede energética de gás, confirma as potencialidades da ligação em rede e a aproximação entre os actores, ainda que insulares; entre o espaço chinês e o sudeste asiático em relação à exploração dos recursos energéticos do Mar do Sul da China;...

O próprio traçado dos pipelines, pressupondo uma rota de escoamento segura, exige estabilidade, contribuindo para a resolução de conflitos violentos (no Afeganistão, com o traçado do TAPI; em Myanmar, com o traçado do pipeline de ligação à RPC; ...)

- Segurança energética

A garantia da segurança energética tem de estar presente desde a fonte de produção ao local de consumo, passando pelo seu escoamento (curto ou longo), meios de transporte ou locais de passagem obrigatória.

A utilização criteriosa do *hard power* está associada ao NGJE, através de dispositivos internacionais de segurança que façam face a novas fontes de ameaça como aquelas que estão presentes nas formas de pirataria ao longo do percurso marítimo do escoamento da energia (em especial no percurso do Índico e nas suas ligações ao Atlântico e Pacífico).

A primeira mesa redonda ministerial asiática dedicada à cooperação económica regional relacionada com a produção e consumo do petróleo e do gás reflectia entre outras as preocupações de segurança:

*The Ministers at the Roundtable unanimously agreed that the Asian oil economy is integral to, and inseparable from, the global oil economy. They further stressed that with Asian destinations emerging as the principal consumers for Asian production, and the share of Asia in global production and consumption likely to progressively increase, cooperation between Asian producers and Asian consumers is crucial to ensuring Stability, Security and Sustainability through mutual interdependence in the Asian oil and gas economy.*¹⁷⁰

- Esgotamento das reservas fósseis e a procura de novas fontes de energia

As reservas energéticas fósseis não são eternas. O seu esgotamento é previsível no curto e longo prazo de acordo com as potencialidades de cada

170 http://newasiaforum.org/News_January2005.htm#firstroundtables

jazida ou de cada região.

A chegada de novos avanços tecnológicos, permitindo a produção de gás de xisto, veio colocar em causa cenários catastrofistas e contribuir para aligeirar a pressão sobre os combustíveis fósseis convencionais e com isso diminuir a espiral de conflito subjacente à competição que está presente no NGJE.

O peak oil está longe de ser encarado unanimemente como o germen de potenciais conflitos mas sim motivo para procurar gerir criteriosamente as jazidas existentes e encetar atempadamente a procura de energias renováveis ou alternativas, menos poluentes e mais saudáveis para um desenvolvimento sustentado a nível planetário.

Lisboa, Universidade Lusíada, 12 de Janeiro de 2012

RELAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

ALI, Sheikh R., *Oil, Turmoil and Islam in the Middle East*, New York, Praeger, 1986.
BEAUFORT, Hubert de, ZELICOURT, Jacques de, *Perspectives économiques & stratégiques - La réalité du monde - 1992*, La Flèche (Sarthe), Editions Loysel, 1992.

BERGSTEN, C. Fred, *Strategic Architecture for the Pacific in Asia in the 21st century, evolving strategic priorities*, Edited by Michael D. Bellows, Washington, National Defense University Press, 1994.

FIONA Hill, *Seismic Shifts in Eurasia, The Changing Relationship Between Turkey and Russia and its Implications for the South Caucasus*, Fellow, Brookings Institution, 2002.

FORSYTHE, Rosemarie, *The politics of oil in the Caucasus and Central Asia : prospects for oil exploitation and export in the Caspian basin*, Adelphi, London, International Institute for Strategic Studies, 1996.

FOSSAERT, Robert - *Le monde au 21e siècle: une théorie des systèmes mondiaux*, Paris, Fayard, 1991.

FREITAG-WIRMINGHAUS, *Nouvelles alliances et structures - Le rôle de l'Iran et de la Turquie en Transcaucasie et en Asie Centrale*, In VALMONT, Dir. André, *Économie et stratégie dans le monde arabe et musulman*, Montrouge, EMAM, Mars 1993.

HAUNER, Milan - *What is Asia to us?: Russia's Asian heartland yesterday and today*, London/New York, Routledge, 1992.

- ISSAWI, Charles, *Oil, the Middle East and the World*, New York, The Library Press, 1972.
- MURTEIRA, Mário, *Economia mundial, a emergência duma nova ordem global*, Lisboa, Difusão cultural, 1995.
- NAISBIT, John, *Megatrends Ásia*, London, Nicholas Brealey, 1997.
- PULIDO, João Paulo Nunes Garcia, FONSECA, Pedro Miguel Moreira, *O petróleo e Portugal: o mundo do petróleo e o seu impacto no nosso país*, Lisboa, Tribuna de História - Edições de Livros e Revistas, 2004.
- ROY, O., *Des ethnies aux nations en Asie Centrale*, ÉDISUD, 1991.
- SAMUELSON, Paul A., & NORDHAUS, William D., *Economia*, Lisboa, McGraw-Hill, 1993.
- SOURDEL, Dominique, *Histoire des arabes*, Paris, PUF, 1991, 4e édition.
- VALMONT, Dir. André, *Économie et Stratégie dans le Monde Arabe et Musulman*, Montrouge, Editions Emam, 1993, 5e ed.
- VIGARIE, André, *Economie Maritime et Géostratégie des Océans*, Paradigme, 1990.
- WEST, Philip, GEUSAU, Frans A.M. Alting von, *The Pacific Rim and the Western World - Strategic, Economic and Cultural Perspectives*, Boulder, Westview Press, 1987.

Websites